

INFORMÁTICA

Software garante maior segurança a atividades on-line de empresas

Pág. 3

AGROINDÚSTRIA

Avanço na gestão da cadeia produtiva melhora qualidade do leite e seus derivados

Pág. 5

SAÚDE

Além de causar manchas, fumaça de cigarros afeta estrutura dos dentes

Pág. 7

ALUNOS

Representantes estudantis participam de reunião do Conselho Universitário

Pág. 10

O futuro está na reciclagem



Tecnologias desenvolvidas em diversos câmpus transformam resíduos industriais e urbanos em peças de automóveis, materiais de construção, artesanato, adubo e até energia. Em Assis, uma incubadora de cooperativas de catadores já reúne cerca de 250 integrantes em várias cidades. E muitas unidades já promovem campanhas para estimular a coleta seletiva do lixo produzido na Universidade.

Págs. 8 e 9



Os ecos da revolta de 1968

O desafio da extensão universitária

O atual conceito de extensão universitária foi elaborado a partir de estudos e debates iniciados pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, em 1987. Definida como "processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre a universidade e a sociedade", essa atividade passou a se qualificar como área acadêmica e a gerar transformações e adaptações no ensino e na pesquisa em vista de soluções para problemas sociais.

Desse modo, a extensão universitária iniciou a ruptura com seu antigo caráter assistencialista e adquiriu metodologia própria, norteadas pelos objetivos maiores de interligar a universidade ao esforço de superação das necessidades sociais e de colaborar na formação de

profissionais voltados para a cidadania.

Na UNESP, a extensão começou a ser estruturada conforme esse conceito em 2000. Com base nas normas definidas a partir de então, estabeleceu-se uma política de apoio financeiro aos projetos que passaram a ser elaborados por toda a Universidade. Não tardaram a surgir propostas de parceria e outras iniciativas voltadas à captação de recursos junto ao setor privado e a órgãos governamentais e não-governamentais.

Nos últimos três anos, esse crescimento ingressou em uma nova etapa, incorporando-se à dinâmica de fortalecimento institucional dos diversos programas de gestão, o que não teria sido possível sem o apoio decisivo dos órgãos colegiados. No caso dos programas de extensão, foi imprescindível também a participação dos vice-diretores e coordenadores executivos de nossas 32 unidades na elaboração de critérios institucionais para

concessão de bolsas e para avaliação de projetos e de docentes. Com isso, passou a ser mais sistematizado, ágil e transparente o trâmite dos processos, assim como reduziu-se significativamente a subjetividade nos processos de decisão.

Esses resultados foram muito importantes. No entanto, uma instituição do porte da UNESP, com sua responsabilidade no cenário do ensino superior nacional, não pode prescindir de uma avaliação permanente. Atualmente, a Universidade mantém mais de mil projetos de extensão em todas as regiões do Estado de São Paulo, o que nos proporciona um amplo material para análise. Desse modo, por iniciativa dos vice-diretores e coordenadores-executivos, já está em curso essa avaliação, mediante critérios, para o aperfeiçoamento do mecanismo institucional e do atendimento, com melhor eficiência, dos desafios da Universidade no âmbito da extensão universitária.

■ **Opinião**

Energia, meio ambiente, planejamento e progresso

PAULO MAGALHÃES FILHO

O aquecimento do sistema climático mundial é uma importante conclusão do quarto relatório científico do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, que foi reconhecido politicamente na décima terceira Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, ocorrida em Bali, na Indonésia, no fim de 2007. Essa conclusão é considerada um dos principais embasamentos teóricos do documento que deu origem ao Plano de Ação de Bali, acordo firmado por representantes de aproximadamente 180 países que participaram da reunião, havendo consenso de que a lentidão nas decisões de redução das emissões de gases do efeito estufa limitará a oportunidade de atingir os níveis de estabilização climática [...].

A ONU divulgou no final de 2007 a nova edição de seu relatório de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O Brasil aparece em 70º lugar, sendo o país que mais evoluiu nas três últimas décadas. Os responsáveis pela melhora foram: o aumento da expectativa de vida, a equiparação do número de meninos e meninas matriculadas em escolas, equidade de oportunidades entre homens e mulheres. Especialistas apontam fatores que podem impedir o País de subir mais, sendo um deles a falta de acesso de cerca de 4 milhões de famílias à energia elétrica. Na classificação dos países em relação à energia *per capita*, o Brasil está abaixo de 2 em uma escala que vai de 0 a 10. [...] O Brasil precisa gerar mais energia, ou otimizar o seu uso, e não se pode descartar nenhum tipo de alternativa. Os especialistas adeptos da geração termelétrica defendem a necessidade de fontes térmicas de energia diversificadas para suprir a necessidade de geração hídrica nos anos secos ou de forte estiagem, citando como fontes gás, biomassa, óleo, carvão e energia nuclear, ressaltando que as escolhas devem sempre ter a preocupação de dar o menor preço para a sociedade e o menor impacto ambiental.

Sendo a energia elétrica um bem de consumo,



qualquer que seja ele, é preciso produzir, armazenar, transportar e distribuir. O sistema hidrelétrico brasileiro tinha confiabilidade até o ano 2000, porque os locais onde foram localizadas as usinas permitiam que se construíssem reservatórios para estocar água para a geração de energia na época da estiagem. Criar um modelo competitivo de matriz energética limpa, como a produção em escala de biocombustível, é um dos grandes desafios neste início de século XXI. [...] Diversos países vêm implantando políticas de substituição de lâmpadas incandescentes por fluorescentes. [...] A redução do consumo tem impacto positivo sobre o meio ambiente, na medida em que são minimizadas as necessidades de geração de energia.

No Brasil, as distribuidoras de energia têm um compromisso com a Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) em investir uma porcentagem de seu faturamento na compra e distribuição gratuita de lâmpadas fluorescentes compactas para uso doméstico. Há também, dentro desse acordo, o compromisso de investirem parte do faturamento no Programa Nacional de Iluminação Pública Eficiente, que realiza a troca do sistema de iluminação pública das prefeituras das cidades brasileiras. Outras ações também aparecem tendo como premissas a eficiência e a racionalização do uso de energia, podendo ser destacados: outdoors mantidos inteiramente por

energia solar, construção de casas e edifícios "ecologicamente corretos", instalação de motores elétricos de alto rendimento, instalação de novos sistemas de ventilação e condicionamento de ambientes mais eficientes e menos danosos ao meio ambiente. A eficiência energética talvez seja o principal pilar e a saída para os grandes problemas mundiais, podendo ser transportada

a outros segmentos sociais e industriais.

Mesmo com a experiência do racionamento de energia ocorrido em 2001, o governo brasileiro praticamente ignorou uma das soluções mais exequíveis e acessíveis para garantir a segurança do crescimento do País: a racionalização do uso da energia, através de ações, políticas e campanhas de eficiência energética. As estimativas do Plano Decenal de Expansão de Energia 2007-2016 subestimam o potencial de conservação e eficiência energética e o aumento da participação de fontes renováveis na matriz nacional para a próxima década.

Portanto, para que o Brasil possa se desenvolver sem crises de energia, o planejamento energético deverá ser sempre dinâmico, com metas constantemente revistas, para não interromper o progresso.

(A íntegra deste artigo está em <http://www.unesp.br/aci/debate/energia.php>)

Paulo Magalhães Filho é professor do Departamento de Energia da Faculdade de Engenharia, câmpus de Guaratinguetá.

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal UNESP.



Software reforça segurança digital

Parceria entre UNESP, Microsoft e Serasa produz nova certificação para operações on-line

O certificado digital é uma “carteira de identidade eletrônica” em que é possível obter uma assinatura digital, que identifica os signatários ou empresas em operações on-line. Agora, pesquisadores da UNESP acabam de lançar um software de certificado de atributos digitais, que, além de identificar, qualifica os participantes de transações comerciais, bancárias, jurídicas e fiscais. O *SignFlow* promete dar maior segurança contra fraudes e agilizar processos administrativos.

A novidade é resultado da parceria do Laboratório de Tecnologia de Informação Aplicada (Ltia) da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru, com a Serasa, instituição que participa da maioria das decisões de crédito no Brasil, e a Microsoft, empresa líder da área de informática.

Os certificados digitais são usados na obtenção de certidões on-line e declarações na Receita Federal, transações bancárias, comércio eletrônico e autenticação de assinaturas de documentos eletrônicos. “Já o certificado digital de atributos associa a assinatura digital ao perfil de pessoas físicas ou jurídicas, reunindo informações como cargo, departamento, ou qualquer dado que a empresa ou instituição certificadora considerar importante”, explica Eduardo Martins Morgado, docente da FC e coordenador do Ltia.

“Não conheço uma ferramenta similar publicamente disponível hoje no mundo”, enfatiza Fernando Cima, especialista em Segurança de Tecnologia da Informação da Microsoft. “É uma tecnologia que vai ganhar mais importância com o uso massivo da certificação digital pelas instituições.”

Aplicações

Segundo Leandro Jekimim Goulart, formado em Sistema de Informações, que, junto com o aluno Daniel Assad, participou do desenvolvimento do *SignFlow*, o novo software cria um ambiente virtual que controla o acesso de pessoas ou empresas a uma “biblioteca” de contratos. “Com isso, ele abre um leque de aplicações que vai da liberação de um crédito por instituições financeiras ao controle de circulação de pessoas em um prédio”, explica.

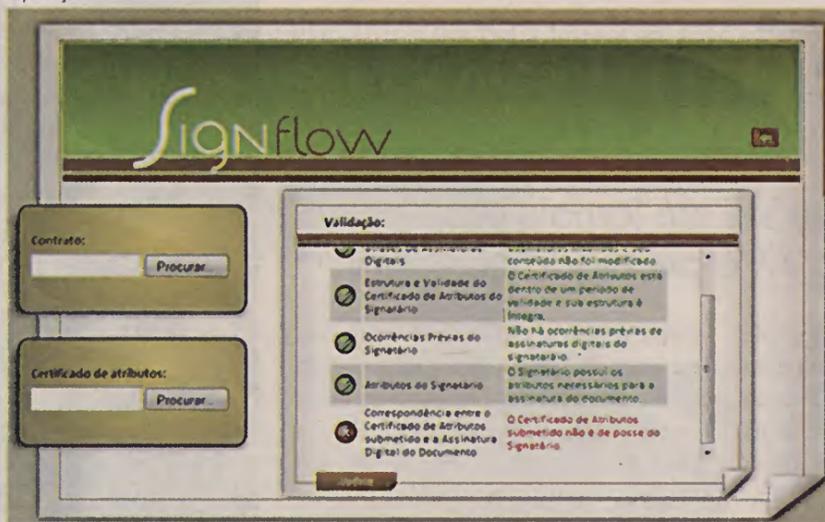
Por meio do software, uma empresa pode agilizar, em minutos, a assinatura digital em um documento eletrônico, com validade jurídica, de diretores que estão em diferentes filiais. O certificado de atributos ainda precisa de regulamentação para operar com garantia jurídica, mas já pode ser utilizado internamente pelas empresas. Em transações comerciais, sua utilização em larga escala também ainda depende de resolução do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI).

“Com o amadurecimento dessas tecnologias, a própria Serasa poderá oferecer melhores serviços para seus clientes”, diz Gustavo Tadao, representante da Serasa no desenvolvimento do software. “É uma tecnologia que permite que entidades usem informações de modo confiável”, aponta o especialista em segurança digital.

O novo software é compatível em computadores com a plataforma Windows e pode ser baixado gratuitamente da Internet, no site <http://www.codplex.com/NDOS>. “Com isso, vários pesquisadores e empresas de outros países poderão utilizá-lo e melhorá-lo”, assinala Cima.

Julio Zanella

Reprodução



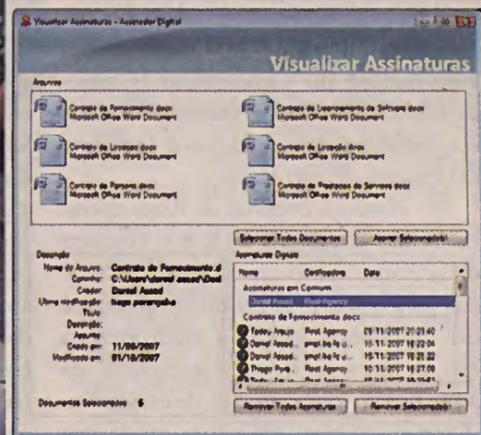
Divulgação



Divulgação



A página de entrada na programa, Margada (na destaque) e alunas da câmpus de Bauru que participaram da produção da *SignFlow*: proposta é agilizar e tornar mais seguras as processas administrativas



Reprodução

Grupo cria o Assinador Digital

Além do *SignFlow*, o Laboratório de Tecnologia de Informação Avançada da Faculdade de Ciências da UNESP desenvolveu o *Assinador Digital*. O software permite ao usuário incluir, excluir e gerenciar assinaturas digitais de um documento.

“Hoje, se você usa o Microsoft Office, consegue

assinar qualquer documento e usá-lo no *SignFlow*, mas se quiser apenas validar a assinatura ou, então, assinar um lote de documentos de uma única vez, pode usar o *Assinador Digital*”, diz Eduardo Morgado, coordenador do Ltia.

J.Z.

A importância da certificação digital

O que é um certificado digital?

É o reconhecimento eletrônico da identificação de uma pessoa física, jurídica, máquina ou aplicação através de informações agrupadas num arquivo, contendo validade, nome da autoridade que o emitiu, além das chaves privada e pública, um tipo de “impressão digital” do certificado transcrito por algoritmos criptográficos (usados para cifrar dados).

Como obter o certificado digital e de atributos?

Mediante o pagamento de uma taxa, qualquer pessoa

física ou jurídica pode solicitar um certificado equivalente ao CPF ou CNPJ da Receita Federal, pelo site dos Correios. Posteriormente, deve comparecer a uma agência credenciada para autorização do documento. O de atributos ainda não está regulamentado.

Quem administra as informações?

O sistema de certificação digital é regulamentado pelo ICP (Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira). O Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI) credencia, supervisiona, verifica e auditora

os processos associados às assinaturas digitais.

Qual é a diferença entre o certificado digital e o certificado de atributos?

O primeiro assegura a identificação de pessoas ou empresas. Já o segundo autoriza ou não a realização de uma operação on-line.

Em que situações o certificado de atributos poderá ser utilizado?

Aquelas que exigem maior controle e segurança no acesso a operações como a obtenção de crédito, certidões on-line e declarações na Receita Federal.

Fonte: Ltia

HISTÓRIA

Modernidade da grande imprensa

Ensaio sobre inovações em jornais brasileiros no início do século XX é premiado nos EUA

Um estudo sobre as mudanças na grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX recebeu o Prêmio John M. Tolman de melhor paper na 9ª Conferência Internacional da Brasa (Brazilian Studies Association). O trabalho é de autoria da historiadora Tania Regina de Luca, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis. O evento foi realizado na Universidade Tulane, em New Orleans, Louisiana, EUA, de 27 a 29 de março.

O texto será publicado como capítulo do livro *História da imprensa no Brasil*, que está sendo lançado em maio pela Editora Contexto. A obra é organizada por Tania e Ana Luiza Martins, historiadora do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo).

No ensaio, a docente de Assis aponta o final do século XIX e o começo do seguinte como um momento essencial para o setor. “A produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial”, afirma. Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em

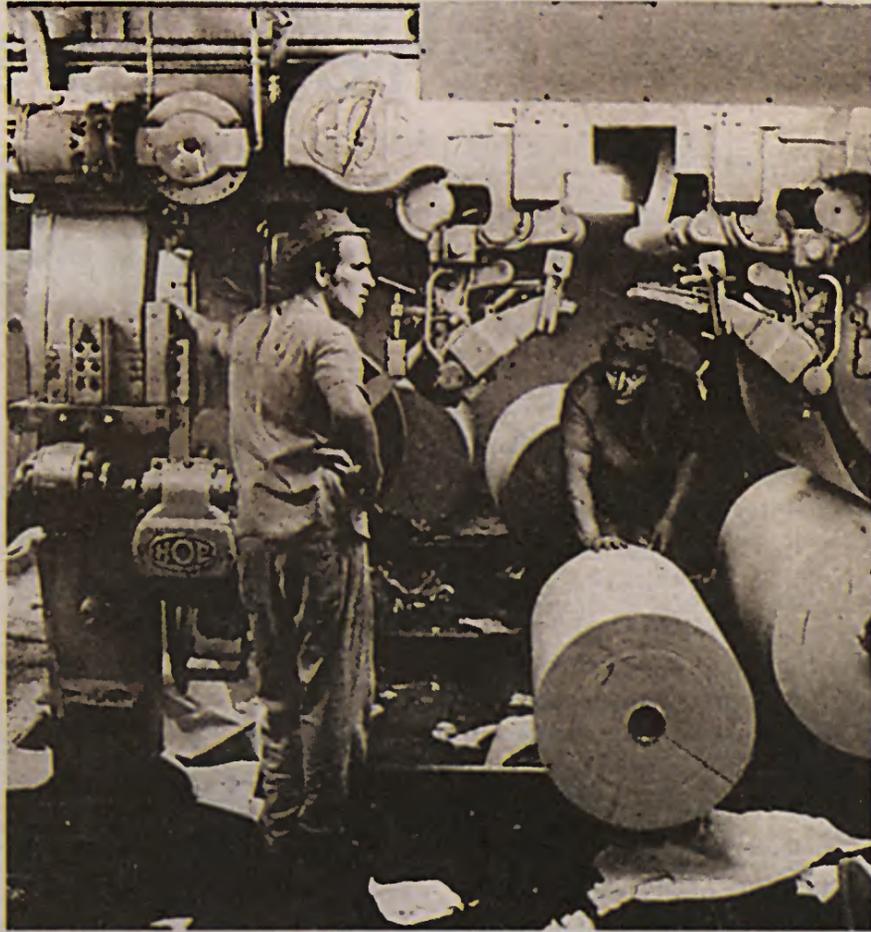
zinco e rotativas cada vez mais velozes, que exigiam considerável inversão de capital, alteravam o processo de compor e reproduzir textos e imagens.

Ser proprietário de um jornal deixou de ser apenas uma tribuna política para se converter num negócio. “Isso exigia de seus donos a adoção de métodos racionais de distribuição e gerenciamento, atenção às inovações que permitiam aumentar a tiragem e o número de páginas, baratear o preço dos exemplares e oferecer uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender ao crescente mercado potencial de leitores”, informa Tania.

A pesquisa mostra ainda que as inovações atingiram também o conteúdo dos jornais. “Sem abandonar a luta política, os diários incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas e, ao lado da produção ficcional, que só lentamente perdeu espaço nos grandes matutinos, apareceram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, lazer, vida social e cultural, crítica literária, assuntos policiais e internacionais”, conta a historiadora.

Oscar D'Ambrosio

Reprodução



Texto do historiadora Tania sobre transformações ocorridas nas empresas jornalísticas será capítulo de livro



Danilo Koga

MEMÓRIA

Docente integra homenagem a Joaquim Nabuco nos EUA

Em maio de 1908, o diplomata Joaquim Nabuco foi convidado para proferir duas conferências na Yale University (EUA). Para comemorar o centenário dessa visita, o Departamento de Espanhol e Português e o Conselho de Estudos Latino-Americanos e Ibéricos da instituição norte-americana realizou, nos dias 4 e 5 de abril, o seminário “Joaquim Nabuco em Yale: homem-de-estado, autor e embaixador: comemoração de centenário (1908-2008)”. O encontro teve a participação do cientista social Marco Aurélio Nogueira, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara.

Marco Aurélio, que abordou o tema “Do abolicionismo à diplomacia, um liberalismo multifacetado”, ressalta que Nabuco falou sobre Camões, literatura brasileira e portuguesa, sentimento de nacionalidade e história do Brasil, buscando associar tais temas à cooperação entre os países das Américas. “Esse seminário revelou o prestígio e a importância de Nabuco para a história das relações Brasil-Estados Unidos”, destaca.

Re: ino Agrella



Nogueira analisou liberalismo de Nabuco

Coordenado por Kenneth David Jackson, de Yale, o evento teve a participação de: João Almino, escritor e diplomata; Leslie Bethell, da Universidade Oxford; Stephanie Dennison, da Universidade de Leeds; Humberto França, da Fundação Joaquim Nabuco (PE); Jeffrey Needell, da Universidade da Flórida; Paulo Pereira, da PUC-SP; John Schulz, da Brazilian Business School; e Norman Valencia, da Universidade Yale.

O.D.

LETRAS

Especialista de Araraquara ganha prêmio da área de Lingüística

Maria Helena Moura Neves, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, integrou o grupo de eleitos pelo CIFEFL (Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos) para receber a Medalha Isidoro de Sevilha de Destaque em Lingüística e Filologia de 2007. A escolha foi realizada em dezembro, a partir de uma lista de candidatos indicados por votação na Internet.

Além de Maria Helena, foram eleitos e serão condecorados os lingüistas Ingedore Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi. A premiação, uma medalha e um diploma, representa o reconhecimento pelos serviços prestados à comunidade acadêmica de Lingüística e de Filologia. A entrega ocorreu em 4 de abril, no Rio de Janeiro, dia em que a Igreja Católica comemora a festa de Isidoro de Sevilha, filólogo, doutor da Igreja, patrono do CIFEFL e da Internet. A condecoração foi criada em 2003 pelo Círculo e pode ser entregue a docentes e pesquisadores dos temas da área.

Maria Helena, licenciada em Português-Grego e Português-Alemão, é doutora e livre-docente em Letras e professora na pós-graduação da FCL. Publicou pela Editora UNESP os livros *Gramáticas de usos do português; A gramática: história, teoria e análise, ensino; Guia de uso do português; A vertente grega da gramática tradicional*, e, em parceria com Douglas Altamiro Consolo, *Pesquisas em lingüística aplicada*.

O.D.



Escolhidas ganham medalha e diploma

Divulgação



Nova gestão no controle do leite

Troca de informações entre produtores pode melhorar qualidade de produto e seus derivados

Uma nova proposta para o gerenciamento do processo de produção busca reduzir os riscos de contaminação do leite e seus derivados. A iniciativa enfatiza o compartilhamento de informações entre segmentos da cadeia produtiva, envolvendo medidas que vão do manejo do gado, melhoria no transporte e armazenagem, fiscalização da qualidade dos produtos, até a orientação sobre manuseio das mercadorias em pontos-de-venda. O projeto foi formulado pela engenheira de alimentos Andréa Rossi Scalco, docente do curso de Administração do câmpus de Tupã, que desde 1999 acompanha a rotina de indústrias de laticínios no Estado.

Durante visitas aos laticínios, Andréa constatou que vários produtos eram devolvidos por não obedecerem às especificações técnicas e de higiene. A maior reprovação foi dos queijos, geralmente deteriorados por falta de refrigeração, e do leite, contaminado por substâncias químicas como pesticidas e por bactérias. Esses transtornos, de acordo com a engenheira de alimentos, são resultado da precariedade das relações entre campo, indústria e pontos-de-venda. "Propomos um modelo de gestão que foca a coordenação de esforços para planejar, controlar e melhorar a qualidade de produção ao longo da cadeia produtiva", assinala.

Andréa sugere práticas que abrangem manejo do rebanho, captação do leite nas fazendas, processo indus-



Andréa, de Tupã, constatou que problemas como contaminação levavam à devolução de produtos, como, por exemplo, queijos deteriorados por falta de refrigeração

trial, armazenagem, transporte, distribuição e exposição dos produtos nos pontos-de-venda. Ao produtor, ela aponta a necessidade de manter o local de ordenha limpo e arejado e o rebanho livre de doenças. À indústria, ela aconselha a realização freqüente de análises química, física e microbiológica dos produtos e a embalagem em condições adequadas. Na distribuição e pontos-de-venda, o manuseio deve

ser efetuado sob refrigeração, para conservação dos produtos.

A proposta cria a figura do coordenador de cadeia produtiva, que poderia ser o representante de uma associação do ramo de laticínios ou mesmo de uma grande empresa. Caberia a ele implementar estratégias e acompanhar ações de controle da qualidade e das condições sanitárias. "Sua atuação poderia reduzir possíveis falhas

no compartilhamento de informações dos produtos entre os diferentes segmentos", observa a docente.

Isolamento dos produtores

A iniciativa, segundo a engenheira, também melhoraria o modelo atual de fiscalização, no qual funcionários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ficam alocados nos grandes laticínios. "Este esquema é falho porque, com o tempo, o funcionário acaba se incorporando à gestão dessas empresas, distorcendo seu papel", diz.

Segundo a docente, os produtos foram reprovados em grande parte por causa do isolamento dentro da cadeia produtiva. "Muitos produtores rurais desconhecem os parâmetros de qualidade do leite produzido e vendido", afirma. "Não há troca de informações referentes à gestão da qualidade, bem como um acompanhamento sistemático de toda a cadeia produtiva, do campo à comercialização." Outros complicadores, para Andréa, vieram com exigências relativas ao valor nutricional, aparência, sabor e segurança alimentar, assim como de adoção de métodos de produção que respeitem normas técnicas e ambientais.

Orientada pelo professor José Carlos de Toledo, da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), a proposta deverá ser aplicada na região de Tupã para análise de viabilidade técnica de custos e resultados para, então, ser validada.

Julio Zanella

MEDICINA VETERINÁRIA

Alunos premiados em bem-estar animal

Estudantes de Araçatuba ficam em terceiro lugar em iniciativa de sociedade internacional

Rafael Dias Astolphi e Carlos Alberto Zardeto Ferrari, alunos do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de Araçatuba, conquistaram a terceira colocação no Prêmio WSPA de Bem-Estar Animal, promovido pela WSPA (Sociedade Mundial de Proteção Animal). Os estudantes concorreram com representantes de 42 universidades brasileiras.

A iniciativa da WSPA integra um projeto para difundir, entre universitários, principalmente dos cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia, Agronomia e Biologia, conceitos e práticas que proporcionam o bem-estar dos animais. Durante o segundo semestre de 2007, orientados pelo docente José Fernando Garcia, do Departamento de Apoio, Produção e Saúde Animal da FO, os universitários que compõem o grupo Modus Vivendi passaram por questionamentos e desafios a respeito das técnicas e pesquisas que podem evitar o sofrimento de bichos como bovinos e aves, principalmente



O professor Garcia, entre Astolphi (dir.) e Ferrari, que concorreram com representantes de 42 universidades brasileiras: esforço em busca de técnicos que evitem o sofrimento de animais como bovinos e ovinos - um tema importante mas ainda pouco difundido

na criação em larga escala.

Para Rafael, foi um grande esforço conciliar a participação no concurso com as atividades da graduação. "Valeu a pena, pois posso utilizar os conhecimentos adquiridos em atividades aca-

dêmicas e, futuramente, no exercício da profissão", afirma. "Foi uma boa oportunidade para renovar os conceitos sobre esse tema de suma importância, mas ainda pouco difundido", destaca Carlos Alberto. Como prêmio,

os alunos receberam um vale-livros de R\$ 500,00 e um curso completo de Bem-Estar Animal da WSPA.

Mais informações: <http://www.ws-pabrazil.org/index.asp>

J.Z.

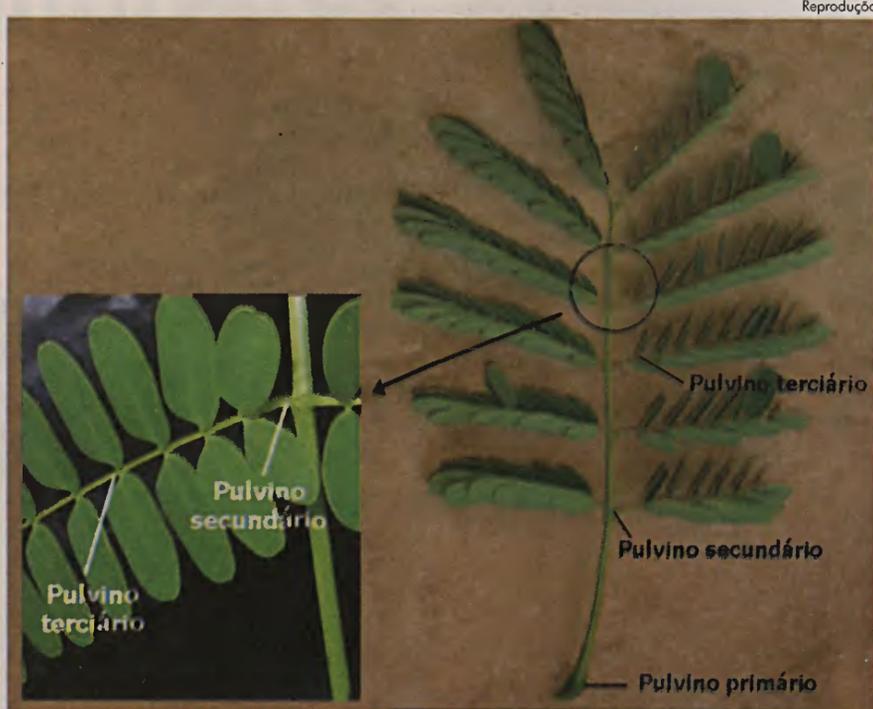
O papel do movimento das folhas

Artigo liga ação de órgão de plantas do Cerrado a sua adaptação a condições ambientais

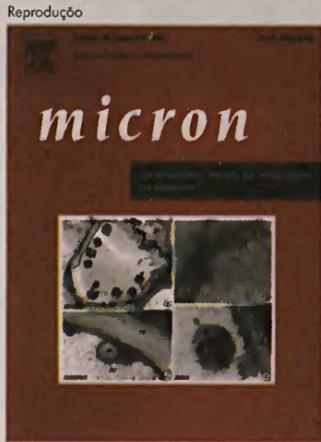
Um estudo desenvolvido por pesquisadoras do Instituto de Biociências (IB), em Botucatu, relaciona o movimento das folhas de nove espécies de leguminosas do Cerrado brasileiro a algumas características do pulvino. Esse órgão vegetal é responsável pelos movimentos foliares, que estão relacionados às estratégias de adaptação de diversas plantas ao ambiente. A pesquisa foi destaque em janeiro na revista científica internacional *Micron*.

“As informações vão ampliar o conhecimento científico sobre a estrutura dos pulvinos dessas espécies, bem como sobre a importância de suas características anatômicas e celulares para os movimentos foliares”, aponta a docente Silvia Rodrigues Machado, do Departamento de Botânica e orientadora do estudo da doutoranda Tatiane Maria Rodrigues. “Os dados serão úteis em programas de manejo e uso sustentável dessas plantas, que apresentam grande potencial econômico”, acrescenta Tatiane, autora principal do artigo.

Uma das plantas estudadas, a *Pterodon pubescens*, conhecida como sucupira-branca, que fornece madeira, altera o posicionamento de suas folhas ao longo do dia. “Nas horas mais quentes e de maior intensidade luminosa, suas folhas se colocam de forma paralela aos raios solares, o que diminui a área de superfície foliar exposta à luz e, assim, reduz a transpiração e a temperatura da folha e facilita a fotossíntese”, destaca Silvia.



Reprodução
Informações sobre pulvino serão úteis para programas de manejo sustentável de plantas



Reprodução
Pesquisa faz destaque em revista



Tatiane (dir.) e Silvia: nave espécies pesquisadas

Próxima etapa

As folhas de espécies do gênero *Bauhinia*, como a pata-de-vaca (*Bauhinia forticada*), de uso medicinal, assumem a posição vertical à noite e horizontal durante o dia. No caso de plantas do gênero *Mimosa*, como a espécie *Mimosa pudica*, conhecida como dorme-dorme ou dormideira, as folhas se movimentam a partir do toque. “Quando a planta é tocada, as folhas se fecham, afugentando insetos predadores, reação que também pode ocorrer em resposta a queimadas e descargas elétricas, muito comuns no Cerrado”, explica Tatiane.

As pesquisadoras revelam que a presença de amido na endoderme, a camada mais interna do córtex dos pulvinos, influencia a velocidade dos movimentos foliares. “Verificamos que o amido é mais abundante em pulvinos que apresentam movimentos rápidos”, afirma Silvia. Um outro aspecto importante nesse tipo de pulvino é a escassez de lignina, substância que dá consistência e rigidez às paredes celulares.

Já o movimento foliar lento foi associado à presença de cristais de oxalato de cálcio na endoderme. “A próxima etapa do estudo será entender melhor os mecanismos celulares e moleculares que atuam nos movimentos foliares”, comenta Tatiane.

Julio Zanella

Análise da reprodução dos ipês

Investigações tentam revelar características do processo de fertilização de duas espécies

Dois estudos em andamento no câmpus de São José do Rio Preto focalizam a reprodução de espécies de ipês. Além da beleza de suas flores, esse vegetal tem importância econômica, em razão da qualidade da madeira, considerada nobre.

Gabriel Gandolphi, aluno do terceiro ano do curso de Ciências Biológicas, estuda o processo de reprodução e infertilidade do ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*). Já o ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha*) é investigado pela quartanista Camila Ismael Giorgi Moraes. Os dois trabalhos são orientados pelo docente Nelson Sabino Bittencourt Júnior, do Laboratório de Anatomia Vegetal do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Segundo o professor, existem mais de cem espécies de ipês nos países neotropicais – América Central e do Sul –, das quais 35 são nativas do Brasil.

No estudo do ipê-branco, Gandolphi verificou, inicialmente, a porcentagem de frutificação natural da espécie, ou

Fotos Nelson Sabino Bittencourt Júnior



Além da beleza das flores, o ipê-amarelo (esq.) e o ipê-branco possuem madeira de qualidade

seja, o número de flores que originam frutos pela polinização natural. “Marcamos com fita colorida uma média de cem flores. Em seguida, contamos quantas flores marcadas caíram no chão. Se a flor cai, significa que ela não foi polinizada ou que recebeu pólen incompatível com a frutificação”, explica.

Esterilidade

Posteriormente, foram realizadas polinizações induzidas, feitas manualmente por ele e Bittencourt Júnior. Segundo o docente, a maioria dos ipês possui um sistema genético de auto-incompatibilidade, ou seja, que previne a formação de frutos por au-

topolinização. A infertilidade, por sua vez, acontece quando há cruzamento de espécies diferentes, com formação de frutos e sementes. “As experiências revelaram que o ipê-branco é totalmente auto-estéril, ou seja, não forma semente por autopolinização”, afirma.

O ipê-amarelo, por sua vez, produz fruto por autopolinização. Ao mesmo tempo, a espécie produz mais de um embrião na mesma semente, fenômeno chamado de poliembrião. “Podem nascer de três a quatro pequenas plantas juntas, mas apenas uma sobrevive”, explica Bittencourt.

Por meio de experiências realizadas em campo e no laboratório, o grupo procura verificar qual é a razão para a ocorrência da poliembrião e se ela está associada à autofertilidade da espécie. “Há duas espécies de ipês em que a poliembrião acontece, e as duas são autoférteis. Nosso estudo vai revelar se há relação entre os dois fatos”, afirma o docente.

Lígia Aliberti

Fumo afeta estrutura dos dentes

Além de causar manchas, fumaça do cigarro altera características do esmalte e da dentina

Uma tese defendida no câmpus de Araraquara comprova que, além de causar manchas amarelas nos dentes, a fumaça do cigarro pode alterar a estrutura do esmalte e da camada que fica logo abaixo dele, a dentina. Ela também modifica as propriedades da resina composta, material utilizado em restaurações dentárias. A investigação constatou ainda a presença, na fumaça, de substâncias potencialmente cancerígenas, como cádmio e chumbo.

Defendido na Faculdade de Odontologia (FO), o trabalho da odontóloga Cristina Yoshie Garcia Takeuchi foi orientado pelo docente Welington Dinelli, da FO, e co-orientado pela professora Regina Guenka Palma-Dibb, da Faculdade de Odontologia da USP, câmpus de Ribeirão Preto (Forp).

O estudo foi realizado em duas etapas. Na primeira, Cristina utilizou amostras de dentes bovinos, que foram expostas à fumaça de dez cigarros diários, durante oito dias. "Esse é um período suficiente para identificar alterações", diz a autora. Na segunda fase, desenvolvida numa clínica da Forp-USP, a autora analisou o efeito da fumaça sobre próteses dentárias. Para isso, selecionou, por meio de questionário e exames, 24 voluntários fumantes, com idade acima de 21 anos e dentes e gengivas saudáveis. Após serem submetidos a uma limpeza completa dos dentes e da boca, os voluntários receberam instruções de higiene bucal e de como proceder durante o período do estudo.

Divulgação



Divulgação



Divulgação



Em sua pesquisa de doutorado, feita no câmpus de Araraquara, Cristina inicialmente utilizou amostras de dentes de bovinos, que foram fixadas a uma máquina que simulava a ingestão da fumaça do cigarro (dir.), ao longo de oito dias

Por 28 dias, eles utilizaram a prótese dentária feita com a resina composta usada no estudo. A prótese somente deveria ser retirada para alimentação e escovação dental. Nesse intervalo de tempo eles deveriam fumar dez cigarros por dia, da mesma marca comercial utilizada na primeira parte da pesquisa.

Máquina de fumar

As amostras de dentes bovinos foram fixadas a uma máquina de fumar, um equipamento que simula a ingestão do cigarro. "O aparelho nos ajudou muito, pois foi através dele que iniciamos nossa linha de pesquisa", afirma Cristina.

Na fase de análise das próteses e dos

dentes bovinos, a fumaça do cigarro alterou as **propriedades ópticas** ou a cor do dente, e **mecânicas**, devido à perda dos minerais e ao conseqüente enfraquecimento do esmalte. "Provavelmente as mudanças térmicas provocadas pela fumaça de cigarro foram as responsáveis pela alteração das estruturas, pois o calor é capaz de modificar a forma de algumas substâncias que constituem o esmalte dental", explicou a autora.

Ainda na primeira fase foi detectada na estrutura dentária a presença de cádmio (Cd), arsênio (As) e chumbo (Pb), elementos químicos que oferecem risco de câncer. Segundo a odontóloga, essa constatação vai ao encontro de resultados obtidos em 2004 por pesquisadores

poloneses, que verificaram a presença de chumbo e cádmio em dentes de leite de crianças que conviviam com fumantes.

Segundo Cristina, o cádmio não é encontrado naturalmente no organismo humano e qualquer concentração pode ser prejudicial à saúde, funcionando como agente cancerígeno, além de danificar o sistema reprodutivo.

Em relação ao chumbo, os efeitos tóxicos podem originar distúrbios neurológicos como dores de cabeça, convulsões, delírios e tremores musculares, assim como distúrbios gastrointestinais e renais. Já o arsênio, se ingerido em grande quantidade, pode causar lesões na pele e até o envenenamento.

Daniilo Koga

SAÚDE PÚBLICA

Informação para combater a dengue

Em Rio Preto, textos e audiovisual ajudam líderes comunitários a controlar *Aedes aegypti*

Envolvida em pesquisas com o mosquito transmissor da dengue e da febre amarela há cerca de 20 anos, a bióloga Hermione Elly Melara de Campos Bicudo, docente do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto, lançou o projeto "Ação Comunitária para o Controle do *Aedes aegypti*". "O trabalho visa difundir métodos de prevenção contra o inseto, entre eles o uso da borra de café", declara.

O projeto, que busca envolver líderes comunitários na divulgação das informações sobre controle do mosquito, é dividido em duas partes. Na primeira, é distribuído um texto didático com explicações básicas sobre a biologia do inseto e formas de combater seus criadouros. Hermione enfatiza que o *Aedes aegypti* é atualmente um dos mais graves problemas de saúde pública do País, dada sua ocorrência em quase todos os Estados.

Para a fase complementar, a bió-

Divulgação



Hermiane pretende difundir métodos de prevenção contra inseto transmissor, como borra de café

loga criou uma apresentação audiovisual, com as informações contidas na etapa anterior, para facilitar a divulgação. "Ao usar o material, o indivíduo ministra uma pequena aula, onde repassa os conhecimentos adquiridos", esclarece. Além disso, segundo a pesquisadora, serão divulgados métodos preventivos de baixo custo, como a utilização de sal de cozinha e borra de café.

Um dos métodos de combate ao mosquito, testado no Laboratório de Vetores do Ibilce, mostrou que, por meio de um preparado com uma proporção de quatro colheres de sopa cheias da borra de café para um copo de água, as larvas são intoxicadas e morrem dentro de 24 horas a 48 horas. A borra deve ser trocada a cada sete dias.

Mais informações sobre o projeto podem ser obtidas no endereço <http://www.ibilce.unesp.br/dengue>

D.K.

SOLUÇÕES PARA O TRANSTORNO DO LIXO

A reutilização de resíduos gera produtos como componentes de automóveis, materiais de construção, peças de artesanato, adubo e até energia

JULIO ZANELLA

Tecnologias desenvolvidas na UNESP estão transformando lixo em adubos, artesanato, peças de automóveis, materiais de construção e energia. O reaproveitamento de resíduos aumenta a sobrevida dos já sobrecarregados aterros sanitários, que contaminam o solo dos municípios. A reciclagem reduz o consumo de energia em processos industriais, diminui a emissão de gases responsáveis pelo aquecimento global e evita a derrubada de árvores, entre outros benefícios.

No Laboratório de Resíduos Sólidos e Compósitos (Residual), coordenado pelo engenheiro Alcides Leão, docente da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), câmpus de Botucatu, são realizados experimentos para reutilização de 13 tipos de rejeitos. "Buscamos soluções técnicas, econômicas, ambientais e sociais, a partir do reaproveitamento de diferentes materiais usados no processo produtivo, na composição de matérias-primas e ainda como fonte de energia", esclarece.

No laboratório, restos de serragem de madeira, bagaço de cana, folhas de abacaxi, embalagens de leite longa vida, tecidos, cascas de arroz, café e coco são analisados e testados, principalmente para a substituição de plásticos. Os materiais já resultaram em componentes de automóveis, como suportes para câmbio. Recentemente, um tipo de plástico mais leve e resistente obtido no laboratório passou a fazer parte do forro lateral do veículo da marca Fox, da Volkswagen. "Há também plásticos produzidos com embalagens de café a vácuo e solas de chinélos", acentua.

Ecodesign — Em Bauru, folhas de bananeira e de cana-de-açúcar, entre outros resíduos agrícolas, estão sendo utilizadas na produção de castiçais, porta-retratos, cuias e tapetes. "A proposta não é apenas produzir novas peças, mas melhorar a inserção no mercado de algumas já idealizadas, por meio da criatividade de cores e design", diz o professor Cláudio Roberto y Goya, coordenador do Projeto Ecodesign, desenvolvido por docentes e alunos do Laboratório de Design Solidário da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac).

As técnicas são ensinadas a entidades beneficentes, por meio de workshops. "O grupo levanta informações sobre os materiais e os processos de produção utilizados nessas instituições e traça um plano de trabalho", conta Goya. Depois do curso, alguns chinélos elaborados a

partir de folhas de bananeira chegaram a triplicar de preço. "Há casos em que a escolha das cores para os tapetes feitos com restos de tecelagem, antes destinados às áreas de serviço, valorizou os objetos de decoração", acrescenta.

Materiais de construção — Na Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Bauru, o lodo descartado pelas indústrias de papel e celulose está sendo estudado para a produção de divisórias, placas de forro e vedação interna em moradias de baixa-renda. Para isso, o material é reforçado com fibras de folhas de bambu. "Buscamos novas alternativas para a disposição final desse tipo de resíduos", aponta a engenheira Rosane Aparecida Gomes Battistelle, docente coordenadora do experimento.

Segundo Rosane, o lodo poderá servir ainda para a produção de tijolos. "Os materiais já foram aprovados em testes químicos e toxicológicos, de caracterização física e mecânica, ensaios de absorção de água, umidade, resistência, isolamento térmico e acústico", acrescenta.

Em Presidente Prudente, embalagens do leite tipo longa vida estão sendo reutilizadas na produção de placas usadas na proteção contra goteiras e para isolamento térmico e acústico. Limpas e recortadas, elas são pregadas nas ripas do telhado com a parte do alumínio virada para cima. "O alumínio reflete os raios solares e o papelão serve como barreira acústica", explica Maria Eunice Carvalho Tozello, coordenadora da pesquisa e docente de arquitetura da Unoeste (Universidade do Oeste Paulista).

O projeto foi idealizado na Cooperlix, cooperativa de catadores de lixo criada por professores e alunos da Faculdade de Ciências Tecnológicas (FCT) e da Unoeste. Antonio Cezar Leal, docente da FCT que representa a UNESP no projeto, aponta a economia de energia proporcionada pelas placas, a partir da redução do uso de ventiladores e ar-condicionado.

Compostagem — Outra tecnologia desenvolvida por docentes da FE de Bauru poderá produzir energia por meio do aproveitamento do gás metano, emitido no processo de decomposição de resíduos em aterros sanitários e associado ao aquecimento global. "Nosso projeto inclui a coleta, o tratamento e a utilização desse gás como fonte de calor e geração de energia, que seria usada no funcionamento de incineradores de materiais perigosos como os hospitalares", explica Celso Luiz da Silva, docente da



Leão promove reutilização de 13 tipos de rejeitos e já obteve produtos como o material usado na base do câmbio de automóveis e na farra lateral da Fox



Da esq. para a dir.: Silva, Benedita Martins (secretária de Meio Ambiente de Lençóis Paulista), Kavoguti e Cristiana Caneglian (secretaria da Meio Ambiente de Lençóis)

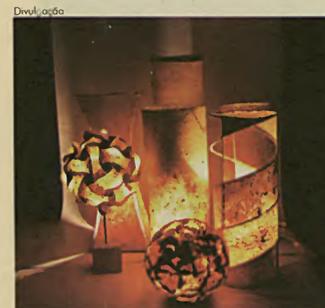
FE e um dos autores do estudo.

Ainda nos aterros sanitários, a equipe pretende produzir adubos, por meio de técnicas de decomposição de materiais, processo conhecido como compostagem. Metais pesados serão extraídos da composição. Já o chorume, líquido proveniente da decomposição de rejeitos orgânicos que contamina os lençóis freáticos, será coletado e depositado na estação de tratamento.

A prefeitura de Lençóis Paulista promete aplicar a novidade em 2009. A meta é processar cerca de 18 toneladas diárias de lixo e gerar seis toneladas de adubo para plantio e manutenção de áreas públicas. Como a tecnologia vai re-

duzir o lançamento de gás metano na atmosfera, os pesquisadores esperam receber a certificação de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL). "Com isso, o projeto pode render até R\$ 70 mil no primeiro ano por meio da venda de créditos de carbono adquiridos por empresas de outros países", diz Silva. O docente Jorge Hamada e o geólogo Nariaqui Cavaguti também participam da pesquisa.

A qualidade do adubo produzido pelo processo de compostagem do lixo foi constatada em pesquisas produzidas pelo Grupo de Resíduos Sólidos e Contaminantes Orgânicos no horto de plantas medicinais do



Luminárias produzidas em Bauru



Design de mável da Projeto Ecodesign



Embalagem de leite reveste telhada

câmpus da UNESP de Araraquara. "O material aumenta a disponibilidade de água e nutrientes no solo como fósforo, cálcio e potássio", assinala Luis Victor Sacramento, docente da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF).

Para o docente da FE, o engenheiro Adilson Renópio, que estuda a reciclagem de gesso na construção civil, com o surgimento do material descartável, o crescimento da produção industrial e do consumo nas últimas décadas, a tendência é o aumento da quantidade e da variedade de lixo descartado. "A esperança é o maior interesse das empresas em aproveitar esses resíduos como matéria-prima", enfatiza.

Docentes auxiliam cooperativas de catadores

Embora a coleta seletiva nas cidades seja fundamental para o aproveitamento do lixo e a sobrevida dos aterros sanitários, a grande maioria das prefeituras não tem recursos para implementar o sistema. A criação de cooperativas de catadores — muitas apoiadas por docentes da UNESP — tem sido uma solução adotada por várias cidades.

No câmpus de Assis, foi criada a Incubadora de Cooperativas de Catadores de Papel da UNESP. "As cooperativas trabalham com regime de autogestão, mas recebem orientações de docentes e estudantes para sua criação, estruturação e elaboração de projetos para obtenção de recursos, como o Bolsa Fa-

mília", diz Carlos Candeia, docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) e presidente da entidade.

A incubadora engloba cooperativas de catadores de Assis, Presidente Prudente, Palmital, Maracá, Cândido Motta e Ourinhos. Elas agregam 250 integrantes e separam cerca de 100 toneladas de lixo por mês. "O projeto já tirou centenas de pessoas de aterros sanitários e contribuiu para aumentar a renda mensal e a qualidade de vida de muitas famílias", acrescenta.

Em fevereiro, a incubadora obteve R\$ 1,13 milhão do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) para a construção

de um centro regional de preparação e processamento de materiais recicláveis. Em Presidente Prudente, a cooperativa local obteve R\$ 705 mil da Fundação Banco do Brasil para a modernização do seu prédio e a compra de dois caminhões para aumentar a coleta seletiva na cidade.

No Laboratório de Design Solidário da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), em Bauru, alunos ensinam técnicas de design para membros da associação de catadores de lixo de São Manoel, para a produção de peças de artesanato a partir dos materiais "não recicláveis" coletados.

J.Z.

Unidades fazem "lição de casa"

Alguns câmpus da UNESP desenvolvem projetos para estimular a coleta seletiva de lixo produzido na própria Universidade. Em Bauru, alunos e docentes da Faculdade de Engenharia lançaram, no ano passado, a iniciativa "UNESP Recicla". Foram confeccionados banners, camisetas, chaveiros, adesivos e faixas com o logotipo da campanha. Cerca de 180 caixinhas de papelão foram afixadas em cada sala do curso e do Colégio Técnico Industrial para o recolhimento de folhas de papel.

O grupo também desenvolve uma campanha para redução de uso de copos descartáveis. Foi aberta uma conta em nome do projeto para receber contribuições e depositar o dinheiro da venda dos papéis recolhidos. "O objetivo é estender o projeto para todo o câmpus", diz Thaliane Cristina Favoretto Martiniano, aluna bolsista de Engenharia Civil.

Na Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), em Botucatu, várias lixeiras foram instaladas para receber lixo reciclável. Os restos de alimentos descartados pelo restaurante do Centro de Convivência Infantil (CCI) passam por um processo de compos-



Caixa de papelão para recolher papéis, em Bauru: proposta é estimular a coleta seletiva

tagem para transformação em adubo para hortas comunitárias.

No câmpus de Marília, a reciclagem de materiais é feita por funcionários de uma empresa terceirizada que faz a coleta do lixo. Eles acondicionam os resíduos de plástico, papel e metal que

são vendidos a cooperativas de catadores da cidade. "Resolvemos passar esse serviço para eles como uma forma de conseguirem um ganho a mais", diz a professora Miriam Simonetti, que coordena uma comissão ambiental em formação no câmpus. J.Z.



Grupo de estudantes da câmpus de Saracaba coletou amostra de duas toneladas de resíduos

Estudo faz "varredura" em aterro

O Brasil seleciona e aproveita pouco do lixo gerado, embora tenha tecnologia para isso. Um exemplo do que representa a falta de iniciativa nessa área foi dado por um estudo de pesquisadores e alunos do curso de Engenharia Ambiental, câmpus de Sorocoba. Eles selecionaram e pesaram uma amostra de duas toneladas de resíduos no aterro sanitário de Indaiatuba-SP, que não possui sistema de coleta seletiva.

"Concluímos que cerca de 90% desse lixo poderia ser reciclado e apenas 10% deveriam ser enterrados", declara Sandro Mancini, engenheiro e coordenador da pesquisa. Os resíduos foram divididos em sobras de comida, resíduos de jardim e de banheiro, frolas, tecidos, colchões, pilhas, embalagens, vidro, aço, alumínio, entulhos, dois tipos de papéis e 11 tipos de plásticos.

Descarte médio diário no aterro de Indaiatuba

Alimentos	54 toneladas
Água	38 mil litros
Tecidos	8,2 toneladas
Materiais de construção	5 toneladas
Colchões	2 toneladas
Embalagem longa vida	1,5 tonelada
Papel	12,4 toneladas
Vidro	1,5 tonelado
Fraldas	4,9 toneladas
Lixa de banheiro	4,9 toneladas

J.Z.

Maio, de 1968 até hoje



As tempestades políticas e culturais que desabaram sobre o mundo no final dos anos 1960 se extinguíram ou seus ventos ainda podem ser sentidos? Nessa década, que tem em maio de 1968 seu momento emblemático, vários países testemunharam as revoltas estudantis por transformações no sistema de ensino universitário, os protestos contra a guerra do Vietnã e a política intervencionista dos Estados Unidos, a adoção de novos comportamen-

tos em campos que iam da moda às práticas sexuais, a luta dos jovens por mudanças profundas na sociedade capitalista, que, em casos como o do Brasil, levaram diversos grupos ao enfrentamento armado de regimes autoritários. Nesta edição, alguns intelectuais – entre eles, o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa, personagem dos acontecimentos da época – analisam essa transição histórica e sua repercussão na realidade atual.

Brasil acompanhou transformações, mesmo com algum atraso

Entrevista com Alberto Aggio

_____ Página 2

A oposição ao regime militar e a questão universitária

Antonio Celso Ferreira

_____ Página 2

A imprensa paulista e os acontecimentos estudantis de 1968: quem te viu e quem te vê

Maria Ribeiro do Valle

_____ Página 2

Lembranças do Teatro Oficina nas agitações de maio

José Celso Martinez Corrêa

_____ Página 4

Ilustrações de Daniel Patire a partir de fotogramas do documentário *Generations 68*, de Simon Brook.

ENTREVISTA

ALBERTO AGGIO

Brasil acompanhou transformações, mesmo com algum atraso

Especialista em temas como democracia, intelectuais e pensamento e história política, Alberto Aggio é graduado em História e mestre e doutor em História Social pela USP. Realizou estudos de pós-doutorado na área de História da América Contemporânea na Universidade de Valência (Espanha). Defendeu sua livre-docência em História da América na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca, onde leciona. Lançou, em abril, *Uma nova cultura política* (Fundação Astrojildo Pereira, 146 páginas). Para Aggio, o legado dos anos 1960 na Europa será forte no Brasil da década seguinte “e será reinterpretado sempre de maneira bastante progressista”. (Oscar D'Ambrosio)



simultaneidade e, em certo sentido, uma causalidade entre os movimentos estudantis e a explosão do rock, o avanço das drogas, a liberação do corpo e a emancipação das mulheres. O mundo depois disso tudo seria efetivamente outro!

JU: Como o pensamento de 1968 teve reflexos no Brasil de então e, de certa forma, no de hoje?

Aggio: No Exterior, as questões da vida cultural tiveram mais peso e, em certa medida, adquiriram uma centralidade

maior. Aqui, havia uma ditadura e os estudantes se transformaram nos principais ativistas em defesa das liberdades democráticas. No Brasil, aqueles que se expressavam exclusivamente como contestadores de comportamentos sociais e morais foram malvistas

pelas lideranças políticas do movimento. Depois, algumas dessas lideranças aderiram à luta armada contra o regime militar. De qualquer forma, pode-se dizer que, de um ponto de vista geral, o Brasil acompanhou aquelas transformações, mesmo com algum retardo.

JU: Como isso repercutiu na sociedade brasileira?

Aggio: Vejo que o Brasil mesclou as perspectivas inovadoras que estavam em 1968 com outras dimensões da nossa vida social e cultural, que possibilitaram novas facetas emancipatórias. As demandas extremadas por liberdade que vieram de fora combinaram-se aqui com uma perspectiva de vida assentada no “deixe cada um viver da sua forma”, que já fazia parte, de alguma maneira, da nossa cultura. Quando se adentra a década de 1970, apesar da ditadura, os ecos de 1968 serão fortes entre nós e serão reinterpretados sempre de maneira bastante progressista.

A oposição ao regime militar e a questão universitária

ANTONIO CELSO FERREIRA

As manifestações de 1968, ocorridas em Paris, Berkeley, Varsóvia, Berlim, Praga, Tóquio, México, Rio de Janeiro ou São Paulo quase simultaneamente ao longo do ano, reuniram grandes parcelas da juventude, em especial universitária. Como algo até então inusitado na história dos movimentos sociais, tais eventos foram desencadeados por fatores locais próprios, que explicam seu aparecimento e desvanecimento.

Embora não se caracterizassem por uma conexão orgânica, eles resultaram do impacto provocado por grandes transformações socioeconômicas, culturais e tecnológicas desde o pós-guerra: a explosão demográfica, a urbanização acelerada, a grande expansão da indústria (em especial bélica), das novas tecnologias, do consumo e da cultura de massa num mundo dividido entre os valores capitalistas norte-americanos e o socialismo soviético, chinês e cubano [...] Nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e em alguns países da América Latina, como no Brasil, ocorriam também profundas mudanças com a ampliação da classe média, a massificação do ensino secundário e o aumento da demanda para a universidade. [...]

Em razão disso, tais eventos foram interpretados

como expressão de inconformismo radical da juventude diante da sociedade tecnocrática ou tecnológica emergente. Para Theodore Roszak, tratava-se de um fenômeno de contracultura, já para Hannah Arendt, de uma forma de luta contra a burocracia anônima e seus implementos de violência. Herbert Marcuse via neles uma esperança de libertação do aparato tecnológico autônomo, que oprimia de maneira brutal os indivíduos tanto dos países democráticos quanto dos totalitários. [...]

A instituição universitária esteve no centro da reflexão da época. Hannah Arendt e Irving Horowitz denunciaram a submissão da universidade norte-americana aos interesses do governo e da indústria bélica. Em países da Europa Ocidental, principalmente na França, nos quais a universidade ainda se mantinha autônoma em face das ingerências da tecnocracia, o que estava em jogo era uma profunda inadequação da estrutura universitária às expectativas dos estudantes.

No Brasil, os intelectuais e ativistas estavam mais preocupados em superar o nosso atraso eco-

nômico em relação aos países avançados. Apesar de se dividirem algumas vezes no tocante aos modelos vislumbrados de sociedade, eles, em geral, obedeciam aos pressupostos nacional-desenvolvimentistas, segundo os quais essa superação daria-se com a reforma agrária, a industrialização, a modernização tecnológica e o desenvolvimento educacional. Desde o início da década, houve uma intensa mobilização da esquerda em defesa das reformas de base, dentre as quais se incluía a reforma universitária. A Revolução de 1964 significou para tais setores a interrupção dessas mudanças, daí sua oposição ao regime, que ocorreu de forma semi-aberta até 1968.

[...] Ao invés de uma tecnocracia anônima a ser combatida, no Brasil identificava-se um poder de feição muito bem definida: a ditadura militar, vista como um regime a serviço das classes dominantes e de um modo de produção atrasado (do ponto de vista tecnológico, inclusive), promotor da repressão política interna e subserviente ao imperialismo norte-americano.

A reforma do ensino público superior era defen-

dida como condição básica para o desenvolvimento autônomo brasileiro, o que pressupunha a ampliação do número de vagas na universidade e a democratização da sua estrutura. O governo militar respondeu com o projeto MEC-USAID, que delegou a cinco consultores norte-americanos a tarefa de elaborar um plano estratégico para a área. Foi o estopim de uma mobilização que, embora derrotada, arregimentou uma grande soma de jovens da classe média à procura de oportunidades de educação, cultura, trabalho e vida nas cidades.

A partir de 1969, após intensa repressão sobre o movimento estudantil, as demandas desse segmento social foram atenuadas com os novos planos impostos à universidade, em grande parte de acordo com aqueles mesmos princípios privatistas e empresariais do MEC-USAID. Desde então, embora a memória de 1968 tenha sido apropriada pela indústria cultural como mera expressão de rebeldia exótica, as contradições do modelo universitário brasileiro ainda são, mais do que nunca, matéria de debate.

Antonio Celso Ferreira é professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. E-mail: acelso@assis.unesp.br

Contradições do modelo imposto ao ensino superior brasileiro continuam matéria de debate

Brasil identificava-se um poder de feição muito bem definida: a ditadura militar, vista como um regime a serviço das classes dominantes e de um modo de produção atrasado (do ponto de vista tecnológico, inclusive), promotor da repressão política interna e subserviente ao imperialismo norte-americano.

A reforma do ensino público superior era defen-

A íntegra deste artigo está no Debate Acadêmico do Portal UNESP em <http://www.unesp.br/aci/debate/questao.php>



A imprensa paulista e os acontecimentos estudantis de 1968: quem te viu e quem te vê

MARIA RIBEIRO DO VALLE

As comemorações de 1968 têm produzido versões pró e contra os acontecimentos desse ano ímpar. Quatro décadas depois, permanecem ainda muitas dúvidas sobre como interpretá-lo. No Brasil, um forte exemplo de falta de consenso diz respeito ao posicionamento da grande imprensa, que, a cada década, apresenta uma versão diversa dos episódios estudantis, a despeito da análise que ela mesma tece no calor da hora.

Um dos acontecimentos estudantis mais marcantes foi a “Guerra da Maria Antônia”, em outubro, que é descrita pelo *O Estado de S. Paulo* e pela *Folha de S. Paulo*, em 1968, como uma guerra entre estudantes, enfatizando a intensa dose de violência por eles utilizada ao transformar a Rua Maria Antônia em um campo de batalha.

Durante o confronto, o secundarista José Guimarães é assassinado. A imprensa paulista apenas constata que ele é atingido por um tiro, sem se pronunciar sobre a sua origem. O prédio da Faculdade de Filosofia da USP é totalmente destruído. O *Jornal da Tarde* faz referência ao início dos conflitos ao relatar a destruição do prédio da Filosofia como fruto da tentativa de invasão do Mackenzie – situado à

frente dessa Faculdade – pelos alunos da USP.

Apresentando uma versão totalmente diversa dos fatos, os professores da Faculdade de Filosofia da USP divulgam um manifesto, denunciando publicamente que o conflito não é uma luta limitada a grupos de duas escolas. Eles repudiam a ação do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e da polícia, considerando-os responsáveis pela invasão da USP e pela proporção atingida pela violência.

Os jornais paulistas, em contrapartida, afirmam, inclusive, que o papel da guarda-civil no Mackenzie é proteger o prédio dos ataques dos alunos da Filosofia. Em nenhum momento esses jornais confirmam a presença de infiltradores do CCC ou a conivência da polícia. Apenas referem-se a elas quando mencionam a versão dos estudantes. E, mesmo publicando relatos de testemunhas que descrevem os ataques dos policiais, logo apresentam depoimentos que elogiam a sua ação frente à violência dos baderneiros. [...]

Notamos aqui que a imprensa paulista acaba agindo como propagandista das políticas repressi-

vas que nesse momento têm por alvo as universidades, delas fazendo parte estudantes e intelectuais catalogados pela ditadura como vanguarda revolucionária a ser banida. Ela contribui, assim, para o avanço da construção do movimento estudantil como um inimigo externo, controlado pela ação da polícia que desarticula o conspirador.

Em 1998, o livro de Carneiro e Pontes, *1968, do sonho ao pesadelo*, do Grupo O Estado de S. Paulo, reedita parte das fotos que dão visibilidade aos acontecimentos de 1968, com uma nova versão dos fatos. Às vésperas do AI-5, o *Estado* pedia ao governo que tomasse medidas para o retorno da normalidade democrática frente aos movimentos contestatórios, atuando,

assim, como uma arma essencial da ditadura. Mas o tiro sai pela culatra: o jornal também é violentamente invadido e censurado. [...] Passados 30 anos, a publicação *1968, do sonho ao pesadelo* não faz qualquer referência à proposta política dos estudantes de transformação da ordem existente pela *luta armada*, como é emblemática a ocu-

pação da Faculdade de Filosofia da USP, mas ao contrário de seu posicionamento no calor da hora, o Grupo O Estado de S. Paulo enfatiza agora não apenas a repressão policial e as ações do CCC, como as responsabiliza pela violência na Guerra da Maria Antônia. Há uma mudança tão grande em seus relatos que poderíamos dizer que a versão do *Estado*, trinta anos depois, coincide com a versão dos estudantes em 1968...

Resta-nos esperar para ver como esses episódios serão recontados pela imprensa em 2008. Na Guerra da Maria Antônia, José Dirceu é uma das principais lideranças estudantis. Será que o descrédito desse personagem, na conjuntura política atual, acabará interferindo para que a tônica das comemorações dos 40 anos de 1968 passe a ser a de enfatizar o *pesadelo*?

Maria Ribeiro do Valle é professora no Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara. Em 2005, publicou *A violência revolucionária em Hannah Arendt e Herbert Marcuse: raízes e polarizações* (Editora UNESP) e em 2008 publicará a segunda edição de *1968: o diálogo é a violência*: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil (Editora da Unicamp).

A íntegra deste artigo está no Debate Acadêmico do Portal UNESP, em <http://www.unesp.br/aci/debate/outubro.php>

Lembranças do Teatro Oficina nas agitações de maio

JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA*

Dias antes dos acontecimentos de maio, o elenco do Teatro Oficina e eu desembarcamos na França para nos apresentarmos com a peça *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, no Festival Internacional das Jovens Companhias, em Nancy. Com o sucesso de nossa apresentação, fomos convidados para encenar no Théâtre de la Comune d'Aubervillier, um teatro no subúrbio de Paris.

Ficamos hospedados no Hotel Saint Severin, localizado no Quartier Latin. Da janela do quarto, começamos a ver alguns estudantes provocando a polícia. Em uma certa hora, fui comprar pão em uma padaria próxima, e a rua estava inundada de polícia e estudantes. Estava acontecendo maio de 1968.

A grande palavra de ordem do movimento estudantil era de Rimbaud (poeta Jean-Nicolas Arthur Rimbaud, 1854-1891): "Debaixo do paralelepípedo tem a terra, tem a areia, tem a praia". Esse era o slogan que ele havia criado para os levantes da Comuna de Paris (1871). Naquela época, os estudantes e operários arrancavam os paralelepípedos das avenidas para atirá-los na Guarda Nacional.

O hotel em que estávamos ficava na rua Saint Severin, perto da livraria Maspero. E lá, Godard (cineasta Jean-Luc Godard), debaixo de nossa janela, provocava os policiais para filmar. Quando vimos aquilo, começamos a jogar cadeiras nos homens de farda. Como reação, a polícia atirou uma bomba em nossa direção. Rapidamente, fechei a janela. A bomba estourou o vidro e atingiu meu olho. Era uma bomba que tinha o mesmo material do napalm (conjunto de líquidos inflamáveis à base de gasolina gelificada, utilizados como armamento militar).

Naqueles dias, tive que fazer um tratamento, onde aplicavam medicamentos no meu olho. Lembro-me que, na primeira apresentação de *O Rei da Vela* em Paris, eu usava um tapalho. O Renato Borghi e outros integrantes do elenco ficaram feridos apenas com o cheiro da bomba. No teatro d'Aubervillier, estávamos todos marcados pelo confronto. Não éramos apenas jovens prostrados no palco, interagíamos e vivenciávamos as esperanças com o público, que, mesmo sem tradução, ria e chorava com a apresentação.

Quando voltávamos dessa primeira exibição, havia cerca de 250 barricadas na cidade. E nós estávamos de carona com uma professora da USP. Ela dirigia o carro, e os estudantes gritavam para pararmos. Eles queriam usá-lo nas barricadas. Essa professora era uma mulher muito chique; então, desceu para confraternizar com os manifestantes, e conseguimos continuar nosso caminho. Depois, o movimento se radicalizou, paralisando Paris e as nossas encenações.

Retornamos ao Brasil, e encontramos uma situação semelhante. A montagem que fizemos da peça *Roda Viva*, de Chico Buarque, sofreu dois ataques violentos. Em São Paulo, o CCC (Comando de Caça aos Comunistas – grupo paramilitar) nos agrediu e destruiu



Zé Celso: olho ferido por bomba durante confronto em Paris



o cenário. Na capital gaúcha, a Censura nos retirou de cartaz.

Esses fatos obscureceram o que havia de importante e inovador em *Roda Viva*. Para mim, a peça reintroduzia o coro no teatro – este mesmo coro que existia na Grécia. Na nossa montagem, os atores saíam do palco e ocupavam os espaços na platéia. Cada pessoa daquele coro trazia em si todas as revoluções daquele ano: a revolução sexual; a revolução política; a revolução das drogas; a revolução da alimentação, que passou a ter forte tendência macrobiótica; a revolução ecológica.

E depois houve a proibição da *Roda Viva*, e depois a assinatura do AI-5 (Ato Institucional Número Cinco, de 13 de dezembro de 1968). A repressão caiu justamente na pequena parcela da juventude que trazia essa revolução. Es-

ses jovens foram castrados, enviados para hospitais, torturados e proibidos de fazer aquilo que sabiam fazer, isto é, de saírem da frente do palco que era essa "sociedade do espetáculo", denunciada por Guy Debord (filósofo francês, 1931–1994), e viverem integralmente.

Maio de 1968 foi muito mais profundo do que se poderia imaginar. Lá se desmascarou uma classe dominante e toda sua encenação de mídia e de marketing, que interpreta de uma forma patriarcal-monoteísta-financeirista a condição humana. Nessa sociedade, todos representamos um papel subordinado a toda uma hierarquia e regras estabelecidas. É uma série de máscaras ideológicas.

Essas máscaras derreteram com o levante de 1968; exatamente, por um processo de desenvolvimento de uma consciência mais instintiva e corporal. "Eu sou o lugar em que estou", diziam. Com isso, o homem passou a ter a liberdade de manejar aquilo que está no entorno; ele pode exercer seu poder instintivamente – seu poder de liberdade de transformação.

E a transformação é tão natural quanto a morte. Mas vivemos em uma sociedade que não quer esse porvir, e o transfere para o além... Transfere a pulsão de vida para o céu, para um paraíso socialista ou um paraíso capitalista. E nunca está no aqui-agora, vivenciando as possibilidades que o presente oferece.

Houve uma violenta repressão. E com ela, a restauração. Com a queda do Muro de Berlim (9 de novembro de 1989), houve a radicalização

do catecismo neoliberal e a globalização. Apesar disso, aquela revolução de 1968 continua viva. E hoje vivemos uma contestação do neoliberalismo em escala global.

Com a contra-revolução, boa parte da classe média foi convencida de que ela integra um sistema e deve se adaptar a ele; e deve assegurar seus empregos de

qualquer maneira, se não, cai na fossa dos excluídos.

Entretanto, eu sinto uma mudança no ar. Com a Internet e também devido a uma outra sensibilidade que se desenvolve nessa juventude, uma revolução cultural está a caminho. Nessa revolução, o afeto, o amor, a amizade, a sensualidade são fatores políticos; e o corpo ganha poder. Acredito que estamos dentro daquela atmosfera dos agitos de maio.

Vem vindo aí uma transformação! Quem imaginaria que países da América Latina um dia seriam governados por índios? Quem imaginaria uma passeata de bolivianos mascando folhas de coca para mostrar que ela não é droga? Quem imaginaria a incrível popularidade de Obama (Barak Hussein Obama) na campanha presidencial dos Estados Unidos?

* Depoimento ao repórter Daniel Patire.

José Celso Martinez Corrêa, diretor, autor e ator, líder do Teatro Oficina, é um dos principais nomes da cena teatral do País.

Com a Internet e outra sensibilidade da juventude, uma revolução cultural está a caminho

ALUNOS

Estudantes apresentam-se ao CO

Entidades definirão participação no órgão colegiado

No dia 24 de abril, cinco representantes discentes apresentaram-se ao Conselho Universitário, durante reunião na Reitoria. Os alunos não tinham representação no CO há cerca de dois anos por dificuldades na organização do Diretório Central Estudantil (DCE).

Adriano Brant Favarin, do curso de Física Biológica do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto; Evandro Ribeiro Nogueira, aluno de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), de Rio Claro; José Alexandre Buso Weiller, do curso de Ciências Biomédicas do Instituto de Biociências (IB), de Botucatu; Larissa Zambelli Caputo, estudante de Direito da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), de Franca; e Luiz Augusto Rocha, do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), de Bauru, participaram da reunião com



Representantes discentes durante a reunião do Conselho na Reitoria

direito a voz, mas não a voto.

Os alunos têm direito a dez assentos no CO. A formalização da representação discente e o preenchimento das outras cinco vagas, mais a nomeação dos suplentes, acontecerá após a reunião do Conselho de Entidades Estudantis da UNESP-Fatec (Cceuf), em Rio Claro, nos dias 26 e 27 de abril.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Reunião homenageia alunas de Prudente

No início da reunião do Conselho Universitário do dia 24 de abril, o reitor Marcos Macari e o diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), João Fernando Custódio da Silva, câmpus de Presidente Prudente, entregaram diplomas às alunas Penélope Duse Manetti e Heloisa de Cássia Machado, do curso de Arquitetura da FCT. Elas foram homenageadas por terem recebido o Prêmio Senador Milton Campos – edição 2007. (Veja a notícia no Portal UNESP: http://www.unesp.br/int_noticia_imgesq.php?artigo=3206)

Na reunião, os conselheiros referendaram a criação do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento,

recomendado anteriormente pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O Conselho aprovou ainda o convênio entre o câmpus de São José do Rio Preto, a Faperp (Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de São José do Rio Preto) e a Prefeitura Municipal. O termo estabelece a implantação de um Centro Integrado de Ciência (CIC), voltado para a difusão do conhecimento científico no município.

Também foi estabelecida a alteração da denominação do curso de Licenciatura em Artes Cênicas para Licenciatura em Arte – Teatro, retroativa aos ingressantes a partir de 2005.

REITORIA

Universidade inicia processo sucessório

O processo sucessório da UNESP, que definirá o reitor e o vice-reitor para o quadriênio 2009/2012, começou oficialmente no dia 23 de abril. Nessa data, o Colégio Eleitoral da Universidade, reunido na Reitoria, elegeu a Comissão Eleitoral Central e definiu o calendário. A Comissão é composta por membros dos Conselhos Universitário (CO), de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe) e de Administração e Desenvolvimento (Cade).

A inscrição das chapas ocorrerá de 4 a 6 de agosto. As eleições acontecerão de 14 a 16 de outubro. Caso haja mais de duas chapas, haverá um segundo turno, de 29 a 31 do mesmo mês. O Colégio Eleitoral homologará o resultado da consulta e enviará uma lista tríplice ao governador do Estado, que dará a palavra final sobre o futuro reitor, cuja posse será em janeiro de 2009.

Têm direito a voto os docentes, servidores técnico-administrativos em atividade e os alunos de graduação e pós-graduação. Enquanto um voto de docente vale 70% da soma total de votação, os de alunos e funcionários pesam 15% cada um.

Composição da Comissão Eleitoral Central

Pelo CO Poulo Villelo Sontos Junior – FO São José dos Campos; Iguotemy Lourenço Brunetti – FCF/Araraquara; Alcides Podillo – FE/Bouru.	seus pores até 5 de moio. Suplentes docentes pelo CO João Bosco Forio – FCF/Araraquara; Mório Volério Borboso – FFC/Moriloio.
Pelo Cepe Lídio Almeida Borros – Ibilce/São José do Rio Preto.	Suplente docente pelo Cepe/Cade Cláudio Heleno Pellizon – IB/Botucatu
Pelo Cade Hélio Grossi Filho – FCA/Botucatu.	Suplente do corpo técnico-administrativo Mório José Monoel – FCL/Assis
Corpo técnico-administrativo Poulo Sérgio Romão – FCL/Assis.	Suplente do corpo discente (indicado pelos alunos até 5 de moio)
Corpo discente Um aluno será indicado por	

LEITURA DINÂMICA

MEIO AMBIENTE

O docente Júlio César Rocho, do Instituto de Química, câmpus de Araraquara, ministrou, no câmpus de Sorocoba, em abril, o aulo inaugural do Curso de Especialização em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Cema), oferecido às sextas e sábados, até junho de 2009. Serão 360 horas dedicadas à teoria, visitas práticas, trabalhos de campo e laboratório e apresentação de seminários, além da elaboração de monografia. Informações: www.sarocaba.unesp.br/posgraduacao/latosensu (Eduardo Bernardo de Oliveira, bolsista UNESP/Universio/Sorocaba)

COLÉGIO TÉCNICO

Em 2007, o Colégio Técnico Industrial "Professor Isaac Portal Roldán" (CTI), vinculado à Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Bauru, alcançou, entre 45 escolas públicas estaduais e privadas, os melhores índices da cidade no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) – e sexto lugar entre públicas no Estado. O colégio ministrou cursos de Ensino Técnico Integrado, que corresponde ao ensino técnico concomitante ao ensino médio, e de Ensino Técnico, modalidade que se refere ao ensino técnico profissionalizante de nível médio. (Aline Patrícia Machado, bolsista UNESP/Universia/FE/Bouru)

TROTE SOLIDÁRIO

Como forma de trote solidário, dez ingressantes do curso de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, câmpus de Rio Claro, visitaram o Nasso Lar, instituição que cuida de crianças carentes. A atividade foi organizada pelo Centro Acadêmico de Geografia (Coege) em conjunto com o Cio. Teatral Bumbo Meu Baco e o Grupo de Circa, prajetas de

extensão do câmpus. Além do doação de cerca de 80 quilos de alimentos arrecadados no festo de integração do curso de Geografia, foram promovidas várias atividades. (Edson Felinto dos Santos Junior, bolsista UNESP/Universia/IGCE/Ria Claro)

E-MAIL INSTITUCIONAL

Desde março, os alunos da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF), câmpus de Araraquara, utilizam e-mails institucionais. Todos os estudantes do unidade adquiriram o direito de usar um endereço de e-mail da Universidade, que também servirá para que o seção de produção envie comunicados aos alunos. A novidade pode ser acessada em óreo apropriado no site da FCF (www.fcf.unesp.br). (José André Ferreira de Castro, bolsista UNESP/Universia/FCF/Araraquara)

ANIVERSÁRIO

A Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de São José dos Campos, e o Diretório Acadêmico local comemoram, dia 28 de março, as 49 anos de existência da unidade. Foram ministrados cursos de SBV (Suporte Básico de Vida), com o docente José Roberto Só Lima, do FO, e palestra sobre acidentes com perfuro-cortantes, com Reiko Henrietto Sonny Hoyer, engenheira de segurança da trabalha. Houve apresentação da coral da faculdade, exibição da filme *O segredo*, palestra sobre o lixo ambiental e recordações do história da unidade. (Renata Cavalcanti Ruiz, bolsista UNESP/Universia/FO/São José dos Campos)

PIRATAS DO VALE

A equipe de veículos minibaja Piratas do Vale, da Faculdade de Engenharia, câmpus de Guaratinguetó, participou da competição Desofio, promovido pelo SAE (Sociedade da Engenharia da Mabili-

dade), uma dos principais instituições mundiais de pesquisa e desenvolvimento na área da Tecnologia do Mobilidade, em Pirocicobo, em março. Nenhuma das peças produzidas pelos estudantes deu problema. "O componente que quebrou foi importado", comentou Youssef Homia, um dos membros do equipe, que terminou o competição em 30º lugar entre 70 competidores. (Augusto Fontan Moura, bolsista UNESP/Universia/FE/Guaratinguetó)

PSICOLOGIA

De março a junho, acarre, na Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bouru, o evento Conversão sobre Práticas em Psicologia. As palestras são destinadas a alunos e professores do curso de Psicologia, além de psicólogos. A iniciotivo é promovido pelo CRP (Conselho Regional de Psicologia) e Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do FC, e tem como objetivo mostrar os desafios, possibilidades, limites e questões éticas no óreo. Informações pelos telefones (14) 3223-3147 e (14) 3223-6020 ou pelo e-mail bauru@crpsp.org.br (Sária Cristina Nogueira, bolsista UNESP/Universio/FE/Bouru)

MICROBACIAS

Na dia 22 de março, em comemoração ao Dia Mundial da Água, a Faculdade Ciências Agrônômicas (FCA), câmpus de Batucatu, lançou um CD que é resultado da II Simpósio Internocional de Microbacias Hidrográficas, realizado entre os dias 29 e 31 de novembro de 2007. O evento, que recebeu mais de 300 participantes do Brasil e do Exterior, teve o colaboração de instituições como o Instituto Flarestal, o Embrapa Meio Ambiente e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Batucatu. Informações: (14) 3883-6300, cursosfepaf@fco.unesp.br ou www.fco.unesp.br/microbacias (Hélio Makoto Umemura, bolsista UNESP/Universia/FCA/Batucatu).



Divulgação



Divulgação



Fachada do serpentário e uma das baias com cobras: visitantes recebem informações sobre animais e orientação sobre primeiros socorros em caso de acidentes

Botucatu inaugura serpentário

Local tem 32 baias para animais venenosos e não-venenosos e promoverá educação ambiental

O Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap), unidade complementar no campus de Botucatu, inaugurou, no dia 14 de abril, um serpentário para visitação pública destinado à promoção de educação ambiental. “Com essa iniciativa pretendemos estimular a conscientização sobre o tema entre a população do município e região”, afirma Benedito Barraviera, diretor do Centro.

Com 300 m², o serpentário está preparado para receber até 500 pessoas diariamente. De acordo com o coordenador do local, o médico veterinário Rui Seabra, a iniciativa é uma

aspiração antiga do Cevap. “Observamos em exposições anteriores nas instalações do Centro que o interesse do público pelo assunto é grande”, disse.

No local foram instaladas 32 baias para animais venenosos e não-venenosos. As visitas, gratuitas e abertas à população, deverão ser feitas em grupos de 40 a 50 pessoas, acompanhados por monitores.

Os visitantes receberão informações sobre os animais e como devem ser os primeiros socorros em caso de acidente, inclusive com outros animais peçonhentos – aranhas, escorpiões, lacraias, abelhas, vespas, marimbondos

e arraias. Animais peçonhentos são aqueles que produzem veneno e possuem instrumentos – dentes, ferrões – para injetá-lo em sua vítima. Já os não-venenosos, embora também produzam veneno, não possuem sistemas inoculadores.

Os monitores são estudantes bolsistas mantidos com recursos do Cevap, da prefeitura de Botucatu e da Fundap (Fundação do Desenvolvimento Administrativo), vinculada à Secretaria de Gestão Pública do Estado de São Paulo, com o apoio de pró-reitorias da Universidade e do Projeto Ciência na UNESP, da Vice-reitoria. **Danilo Koga**

SERVIÇO:

Serpentário do Cevap
Fazenda Experimental
Lageado
Rua José Barbosa de Barros, 1780
Botucatu - SP
Agendamento de visitas: (14) 3882-5555, 3814-5446
e-mail: cevap@cevap.org.br
www.cevap.org.br

ILHA SOLTEIRA

Detecção mais precisa da leishmaniose

Um projeto coordenado pela médica veterinária Wilma Aparecida Starke Buzeti, professora do Departamento de Biologia e Zoologia da Faculdade de Engenharia (FE), campus de Ilha Solteira, avalia o uso de diversos métodos para definir um padrão de diagnóstico da leishmaniose visceral canina (LVC). A iniciativa foi criada em 2005, em parceria com o Centro de Zoonoses da cidade, e tem o auxílio do Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, ligado à Vice-reitoria.

“Pelos resultados parciais obtidos, podemos afirmar que um único método não é suficiente para diagnosticar essa enfermidade em cães, pois os resultados

Divulgação



Wilma (segunda a partir da dir.) avalia vários métodos

entre os métodos foram muitas vezes discordantes e conflitantes, exigindo outras provas”, ressalta. “Por exemplo, em adição aos exames sorológicos, foi realizada a biópsia de pele de cães.”

A LVC é causada pelo protozoário *Leishmania chagasi* e pode infectar seres humanos.

Em seus estudos, a professora e alunos de graduação e pós-graduação em Medicina Veterinária usam animais soropositivos, identificados por testes da Secretaria Municipal da Saúde. Após a análise clínica, eles são separados em três grupos: sem sintomas, com poucos sintomas e com todos os sintomas clínicos. Na etapa posterior, ainda em execução, são analisados os tecidos de órgãos mais afetados pela LVC e realizados testes sorológicos e sanguíneos.

A pesquisa tem o apoio das docentes Cárís Maroni Nunes, da Faculdade de Odontologia, campus de Araçatuba, e Rosângela Zacarias Machado, da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, campus de Jaboticabal. **Daniel Patire**



SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Jornal associa química a temas ambientais

Acaba de ser lançada a primeira edição do jornal *O mundo químico do meio ambiente*, que tem como objetivo levar o leitor a conhecer temas da química refletindo sobre as consequências da ação humana no planeta. O periódico está ligado ao projeto “Experimentação em Química e a Educação Ambiental”, realizado pelo Departamento de Química e Ciências Ambientais do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), campus de São José do Rio Preto.

Em linguagem simples, o jornal explica e demonstra as reações químicas relacionadas a questões como emissões de poluentes e escassez de água potável. “Com o projeto, espera-se que a comunidade possa identificar os problemas ambientais e propor estratégias para denunciar, controlar e até remediar esses desafios”, salienta a professora Lídia Maria de Almeida Plicas, coordenadora do projeto.

O grupo também realiza palestras sobre esses assuntos na rede pública. A elaboração de cartilhas e promoção de experiências químicas simples, além de atividades lúdicas que abor-

Divulgação

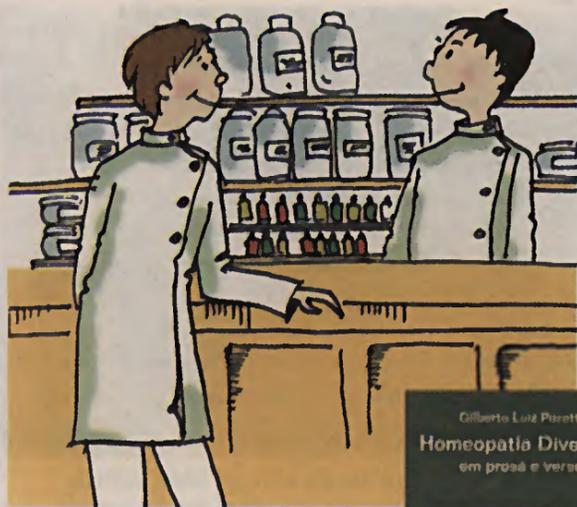


Experimenta ajuda a divulgar conhecimento

dam a temática ambiental, são outros recursos utilizados. A equipe também inclui as docentes Iêda Aparecida Pastre Fertoni e Vera Aparecida de Oliveira Tiera, e as alunas de Química Ambiental Amanda Jordano e Flávia Carla dos Santos Martins.

O projeto integra o Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP desde o segundo semestre de 2007. “A publicação do jornal e das cartilhas e a compra de material para as experiências são possíveis devido ao apoio do programa”, afirma Lídia Maria. **D.P.**





FARMÁCIA

Homeopatia com humor

A homeopatia vem ganhando espaço e já é empregada pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Neste livro, o farmacêutico Gilberto Pozetti, professor de Química Orgânica da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF), câmpus de Araraquara, considera os inúmeros detalhes e características que envolvem cada medicamento, assinalando que a homeopatia exige esforço e dedicação diária, principalmente dos iniciantes. A publicação tem por finalidade, de maneira simples e didática, facilitar o entendimento e a fixação de conhecimentos na área com o uso de textos bem-humorados ou versos. “Busco fazer com que o conteúdo seja útil e estimule os que já se interessam ou venham a se interessar pela homeopatia”, afirma Pozetti, coordenador da Subcomissão da Farmacopéia Homeopática Brasileira/Anvisa.

Homeopatia divertida em prosa e verso – Gilberto Pozetti; PharmaBooks; 162 páginas; R\$ 39,00. Informações: (11) 3527-6200; atendimento@pharmabooks.com.br; www.pharmabooks.com.br



GEOLOGIA

Ciência dos solos

Octavio Freire, docente da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente, enfoca, neste livro, a Pedologia – a ciência dos solos, fundamental para todos os que se interessam pelo estudo do ambiente, incluindo profissionais e alunos das Geociências e Ciências Agrárias. Não se limita a focar a distribuição dos solos das regiões tropicais, mas também trata das relações desse corpo natural com a vegetação, com o sucesso das atividades humanas e com as modificações que ele pode sofrer sob a interferência das atividades econômicas. “O planejamento e gestão dos recursos naturais tornam-se imprescindíveis para os destinos da humanidade.

O solo tem importância ímpar por ser a camada superficial que sustenta a vida.”

Sala das regiões tropicais – Octavio Freire; Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais; 268 páginas; R\$ 60,00. Informações: (14) 3882-7373; fepaf@fca.unesp.br; www.fepaf.org.br

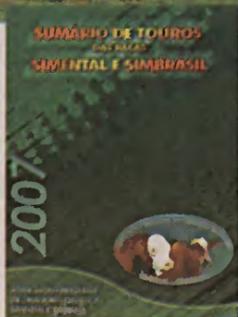


ZOOTECNIA

Sumário de touros

Essa publicação é resultado de um trabalho conjunto entre a Associação Brasileira de Criadores das Raças Simental e Simbrasil, o Centro de Ciências Agrárias, a Universidade Federal do Espírito Santo e a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, câmpus de Botucatu, representadas, respectivamente, pelos docentes Luiz Fernando Arão Marques e Henrique Nunes de Oliveira. O catálogo coloca em evidência as principais características produtivas de 269 touros jovens e adultos, sendo 231 da raça simental e 38 da raça simbrasil. A publicação traz ainda uma relação completa dos animais líderes de cada característica avaliada. Foram classificados 38 animais (26 simental e 13 simbrasil), com índices zootécnicos acima da média.

Reprodução



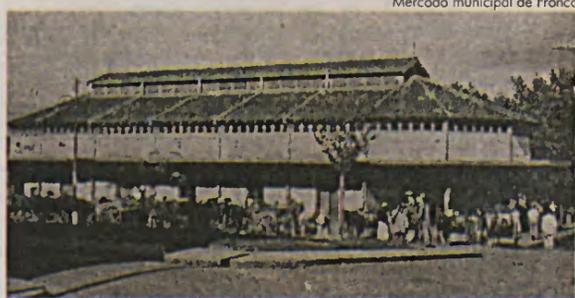
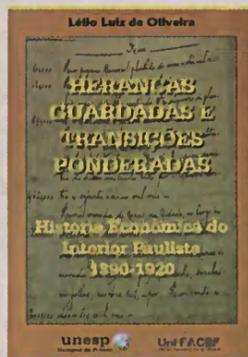
10º Sumário de tauras das raças simental e simbrasil – Associação Brasileira de Criadores das Raças Simental e Simbrasil; 54 páginas. Informações: (28) 3521-5666 ou simental@simentalsimbrasil.com.br. Distribuição gratuita.

ECONOMIA

Heranças e transições

Docente do Departamento de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), câmpus de Franca, Lélia Luiz de Oliveira trata, nesta obra, da história econômica do interior paulista de 1890 a 1920. Com gráficos e tabelas que mostram a evolução da economia no período, a pesquisa realiza um estudo minucioso das escrituras de compra e venda de inventários. O autor abre perspectivas inovadoras de investigação e de entendimento da economia cafeeira, no avanço da chamada “fronteira oeste”. Na apresentação, Vera Lucia Amaral Ferlini, coordenadora da Cátedra Jaime Cortesão da USP, ressalta que o autor, “firmemente ancorado em dados fundiários, de produção, de transporte, de população e dos níveis de riqueza”, apresenta uma economia que cresceu “ao lado do café, mas mantendo sua diversidade original”.

Heranças guardadas e transições ponderadas: história econômica do interior paulista – 1890-1920 – Lélia Luiz de Oliveira; Faculdade de História, Direito e Serviço Social, câmpus de Franca, e Uni-Facef; 230 páginas; R\$ 20,00. Informações: (16) 3711-1856; publica@franco.unesp.br



Mercado municipal de Franca

GEOGRAFIA

Jornada do trabalho

Publicado pelo Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, o volume 8 da revista Pegada reúne textos selecionados da VIII Jornada do Trabalho, realizada em 2007 na FCT. O tema foi “Modernidade e os Signos da Civilização da Barbárie para a Classe Trabalhadora”. Em seu artigo, o editor da publicação, o docente Anthonio Thomaz Júnior, enfoca a situação na agroindústria canavieira. Marildo Menegat, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trata da barbárie da civilização burguesa. O sistema capitalista também é o alvo das críticas de Ariovaldo Oliveira Santos, da Universidade Estadual de Londrina. Paula Marcelino, da Unicamp, discute a terceirização, enquanto a precarização do trabalho nas carvoarias é o tema de Altamira Pereira, mestre em Geografia pela FCT.

Revista Pegada – Grupo de Pesquisa Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT). Volume 8, número 2, 2007; 152 páginas. Informações: (18) 229-5388/5307/5543; www.prudente.unesp.br/ceget; revistapegada@gmail.com

Capa de livro produzido por El Lissitsky



HISTÓRIA

Vigilância política na Era Vargas

Levantamento desvenda uso de espões e agentes duplos pelo Deops/SP entre 1930 e 1945

OSCAR D'AMBROSIO

A abertura ao público, em 1994, dos arquivos do Deops/SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) possibilitou numerosas pesquisas sobre as atividades do órgão, que funcionou de 1924 a 1983. As atividades dos espões, chamados de “agentes reservados” ou “secretas”, começaram então a ser desvendadas.

Ao tomar como base a documentação sob guarda do Arquivo do Estado, o cientista social Marcos Tarcísio Florindo, mestre em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social, câmpus de Franca, e doutorando em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras, em Araraquara, se detém sobre as práticas de vigilância, investigação e repressão envolvendo os “agentes duplos” entre 1939 e 1945 na Era Vargas.

A principal função desses profissionais era vigiar integrantes do movimento operário que, com idéias anarquistas, socialistas e comunistas, eram vistos como ameaça à elite política. Inicialmente, o livro observa as mudanças ocorridas com a modernização socioeconômica e seus reflexos no controle das ameaças ao poder presentes na sociedade. Em seguida, destaca a atuação

Seu conforto é o meu silêncio, Bárbara Kruger



O serviço reservado da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo na Era Vargas — Marcos Tarcísio Florindo; 220 páginas; R\$ 40. Informações: (11) 3242-7171; www.editoraunesp.com.br

da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Verifica ainda o crescimento e a burocratização do aparelho policial, observando a expectativa do governo sobre os procedimentos adotados por seus funcionários e extraquadros. Relaciona, também, secretas que atuaram em organizações de esquerda.

O mais interessante capítulo, o terceiro, acompanha a arregimentação de agentes duplos, enfatizando a experiência de Davino Francisco dos Santos, liderança do PCB que se tornou colaborador da polícia na prisão. As trajetórias dos agentes Guarany e Mário de Souza, entre 1932 e 1935, são igualmente analisadas.

A utilização de agentes infiltrados e a tortura são apresentadas como práticas comuns nas investigações do Deops/SP. Florindo demonstra ainda como a infiltração de policiais nos movimentos operários era amplamente utilizada para obter locais de reunião, nomes e atividades dos militantes.

Num momento em que cada vez mais são usadas as palavras cidadania e dignidade, revisitar a vigilância e a repressão das atividades políticas e sociais na Era Vargas constitui um excelente lembrete de como a arbitrariedade conduz à exclusão social. E mostra como a legitimação do poder pode se valer das mais variadas estratégias para atingir seus objetivos.

LITERATURA

Visconde de Taunay em outra visão

Obra critica classificação do autor de *Inocência* apenas como precursor do modernismo

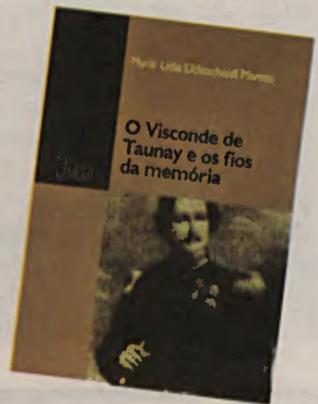
Professor, político, historiador e sociólogo, o escritor carioca Alfredo Maria Adriano d'Escragnoille Taunay (1843-1899) tem uma trajetória muitas vezes esquecida nos cânones da literatura nacional, que o coloca no espectro pouco definido do pré-modernismo (1870-1920).

De sua biografia, destaca-se a participação na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. Dessa experiência, resultou o célebre livro *A retirada da Laguna*. Após seu retorno ao Rio de Janeiro, lecionou no Colégio Militar e iniciou sua carreira política no Segundo Império, sendo eleito para a Câmara dos Deputados pela província de Goiás em 1872, e reeleito em 1875.

Professora do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, Maria Lídia Lichtscheidl, em *O Visconde de Taunay e os fios da memória*, retoma a obra do escritor e a relaciona com sua época. Dessa maneira, revê as classificações de Taunay como pré-modernista, alertando que elas trazem dois problemas: o colocam apenas como predecessor do modernismo ou o analisam somente em função das características de artistas posteriores, como Mario de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira.

Maria Lídia busca resgatar escritores considerados menores ou que produziram obras em momentos pouco valorizados pela crítica e pelos manuais. Além de focalizar trabalhos de Taunay considerados mais biográficos, como *A Retirada da Laguna* e *Memórias*,

Marro de Santo Antônio, Nicolas Antoine Taunay



O Visconde de Taunay e os fios da memória — Maria Lídia Lichtscheidl Maretti; Editora UNESP; 352 páginas; R\$ 45. Informações: (11) 3242-7171; www.editoraunesp.com.br

rias, estuda textos como *Inocência* e *Considerações acerca da idéia de elevar-se uma estátua a Cristóvão Colombo, no Pão de Açúcar*.

Inicialmente, o livro percorre a vida de Taunay e a relaciona com a sua produção artística e sua época. Em seguida, debruça-se sobre os textos, buscando escapar das visões que colocam o escritor como mera transição entre o romantismo e o realismo.

O trabalho tenta entender a idéia de nação de Taunay. Para isso, recorre aos primeiros poemas do

autor e à influência que recebeu dos estrangeiros e nobres da família. Ainda faz uma releitura do primeiro romance do escritor, *A mocidade de Trajano*.

Na última parte, Maria Lídia relaciona a memória, a oratória, as descrições e o teatro de Taunay. Há ainda três anexos sobre a cronologia das publicações do autor, a listagem dos seus discursos e a transcrição de seus poemas. Esse conjunto ajuda a valorizar e a entender melhor quem é o Visconde de Taunay e sua importância na literatura nacional. **O.D.**

Estudantes brilham no canto lírico

Alunos de graduação e pós do Instituto de Artes participam de óperas e eventos da área

Em 2008, o curso de Canto do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, comemora duas décadas de atividade. Como se celebrassem esse aniversário, alunos e ex-alunos fazem diversas apresentações em São Paulo, tanto em papéis de destaque em óperas como nos Coros Lírico e Paulistano do Teatro Municipal de São Paulo e da Oseps (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo).

Graduada em Canto em 2005, Cristine Guse, pós-graduanda em Performances Práticas e Interpretativas, relata que a formação no IA foi fundamental para impulsionar sua carreira. “Os recitais e minirrecitais exigidos pelos professores da UNESP fizeram a diferença, pois adquirimos experiência em cantar em público e dominamos o medo do palco”, explica. Neste semestre, a artista fará oito apresentações em São Paulo com a ópera *La Traviata*, de Verdi.

Sheila Minatti, quartanista de Canto, participará de três óperas na cidade nos próximos meses: *A Flauta Mágica* e *Don Giovanni*, ambas de Mozart; e *Der Freischütz*, de Von Weber. “As aulas de dicção, de música de câmara, o acompanhamento do mesmo professor

Divulgação



Cena da ópera *The Mikado*, de Gilbert e Sullivan, com participação de Cristine Guse, pós-graduanda em Performances e Práticas Interpretativas

durante os quatro anos de curso e a estrutura oferecida são importantes para o desenvolvimento da carreira”, afirma a cantora.

Com o mestrado concluído no IA em 2005, Tais Bandeira, protagonista das peças *La Traviata* e *Der Freischütz*, relata que a pós-graduação contribuiu para ampliar sua visão em relação ao canto. “Percebi que o artista especializado pode executar com qualidade diversos gêneros musicais”, assinala.

à prática teatral e ao desenvolvimento de expressão corporal”, observa.

Em abril, Marta se apresentou em São Paulo com a Orquestra de Câmara da USP e com a Orquestra Sinfônica da USP. Nos dias 15, 17 e 18 de maio, ela participará, no Centro de Cultura Judaica, em São Paulo, da ópera *Dido*

e *Aeneas*, de Henry Purcell. Márcia, que em abril integrou o espetáculo *Arias e Duetos*, em São José dos Campos (SP), apresentará a ópera *A Flauta Mágica*, em Campos do Jordão (SP), no dia 24 de maio, e o *Concerto Alemão - Strauss e Wolf*, em São Paulo, em 26 de junho.

Renato Coelho

Núcleo Universitário de Ópera

Criado em 2003 pelo regente, compositor e arranjador Paulo Maron, mestre pela UNESP em 2004, o NUO (Núcleo Universitário de Ópera) tornou-se referência na área. “Inicialmente, os integrantes eram todos da UNESP, mas hoje há representantes de outras instituições”, revela Maron.

Em julho, o núcleo apresentará no Theatro São Pedro, em São Paulo, a ópera *Moscou Tchernomushki*, de Shostakovich, e, em dezembro, *O feitiço*, de Gilbert e Sullivan, compositores cujo trabalho o grupo prioriza.

(R.C.)

Opinião das docentes

Idealizadora do curso, a professora Martha Herr ressalta que vários ex-alunos hoje atuam em locais como a Ópera de Viena ou como bolsistas na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, além dos profissionais que seguem carreiras docentes. “Buscamos sempre proporcionar aos universitários uma estrutura fundamental para suas respectivas carreiras profissionais”, afirma.

Outra professora do curso, Márcia Guimarães relata que a formação dos alunos envolve quesitos técnicos da formação vocal, dicção, prática de execução em conjunto e teoria musical. “Mesmo com esses recursos, temos a consciência da necessidade de aprimoramento, com a inclusão de disciplinas obrigatórias diretamente relacionadas

Apresentações de integrantes e ex-integrantes da UNESP

DIDO E AENEAS, de Henry Purcell – Dias 15, 16 e 18/05 – Projeto Ópera Café do Centro de Cultura Judaica – São Paulo (SP) – Martha Herr (professora de Canto) como Belinda; Manuela Freua (bacharelado em Canto 2003) como Bruxa; Abel Rocha (ex-professor da UNESP), regente.

DER FREISCHÜTZ, de C.M. von Weber – Dias 16, 18, 20/05 – Theatro São Pedro – São Paulo (SP) – Tais Bandeira; Amadeu Goes (bacharelado em Canto 2003); Sheila Minatti; Gabriella Rossi (bacharelado em Canto 2006).

XII FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA (Manaus) – Entre abril e final de maio Marcelo de Jesus (regente assistente do festival); Eduardo Amir (ex-aluno de pós-graduação); Caio Ferraz (ex-professor da UNESP); Andréa Ferreira, Homero Velho; e Edna d'Oliveira (ex-alunos de graduação).

PROJETO ÓPERA AOS MONTES – FLAUTA MÁGICA Márcia Guimarães (professora de Canto) como Pamina; Amadeu Gois (formado em 2003) como Papageno – Dia 24/05 – Auditório Claudio Santoro – Campos do Jordão – SP.

CONCERTO ALEMÃO – STRAUSS E WOLF Márcia Guimarães, Amadeu Gois e Helen Gallo (formada em 2003), ao piano – Dia 26/06 – Teatro do Colégio Humboldt – São Paulo – SP.



EVENTOS

Vunesp abre inscrições para o vestibular de meio de ano

Entre 19 de maio e 9 de junho, estão abertas as inscrições para o Vestibular Meio de Ano 2008. Serão oferecidas 630 vagas em 15 cursos. Os candidatos poderão se inscrever pelo site da Vunesp (www.vunesp.com.br). O valor da taxa é de R\$ 100,00.

Os cursos oferecidos são Agronomia (Ilha Solteira e Registro), Zootecnia (Dracena e Ilha Solteira), Administração (Jaboticabal e Tupã), Geografia (Ourinhos), Engenharia Ambiental e Engenharia de Controle e Automação (Sorocaba), Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica (Ilha Solteira), e Engenharia de Produção (Bauru).

As provas ocorrem nos dias 6, 7 e 8 de julho, respectivamente, de Conhecimentos Gerais, Conhecimentos Específicos e Língua Portuguesa. O resultado deve ser divulgado em 25 de julho.

- 5/05 - Abertura do período de solicitação de redução da taxa de inscrição para o Vestibular Unesp Meio de Ano 2008. Informações: www.vunesp.com.br
- 5/05 - Araraquara. 1º Simpósio Paulista de Nanotecnologia. No Gran Hotel Maradado Sol. Informações: www.cmdmc.com.br, (16) 3351-8214 e (16) 3301-6643.
- 7/05 - São Paulo. Palestra Guerrilha na América Latina: passado e presente. Palestrantes: Marcelo Botasso (licenciado e bacharel em História pelo Unesp), Luis Fernanda Ayerbe (Unesp/Marília) e Héctor Luis Saint-Pierre (Unesp/Franco). Às 19h30. Na Biblioteca Latino-Americana Victor Civita na Fundação Memorial da América Latina. Informações: (11) 3823-4780.
- 7 e 8/05 - São Paulo. A Criação de Copas: oficina com Moema Cavalcanti. Das 18h às 21h. Na Universidade da Livra. Praça da Sé, 108 (Centro - São Paulo). Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br.
- 7 a 9/05 - Presidente Prudente. DINCON' 2008 - 7th Brazilian Conference on Dynamics, Control and Their Applications / 7º Congresso Temático de Dinâmica, Controle e Aplicações. Na FCT. Informações: <http://www.fct.unesp.br/dmcc/dincon2008/index.htm>
- 9/05 - Botucatu. Sessão Solene da Congregação para a entrega do título de Professor Emérito aos professores titulares Antonio Evaldo Klare Chukichie Kurozawa. Às 16h. Na Auditoria "Prof. Paulo Rodolfo Leopoldo" da FCA. Informações: (14) 3811-7150.
- 12 a 15/05 - Assis. X Simpósio Anual da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). O evento tem como objetivo a reflexão e a atualização de debates sobre o tema "Migrações e migrações das Religiões". Na FCL. Responsável: Eduardo Basto de Albuquerque. Informações: albuquerque@bol.com.br
- 13 a 15/05 - São Paulo. Oficina de Tradução Inglês-Português com Internet em Aula, com Isa Mara Lando. Das 18h às 21h. Na Universidade da Livra. Praça da Sé, 108 (Centro - São Paulo). Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br.
- 13, 14, 27 e 28/05 - Rio Claro. Conversas com quem gostou de Atletismo V. Informações: saroqm@rc.unesp.br
- 14 a 16/05 - Águas de Lindóia. Curso de Cerimonial Universitária para a Unesp. O grupo se compõe de vice-diretores, coordenadores executivos e diretores técnico-acadêmicas, que tratam das questões atinentes ao Cerimonial, nas Unidades Universitárias, partanto o conteúdo do curso será dirigido a estes. Promoção: Comitê Nacional de Cerimonial Público. No Hotel Majestic. Informações: secretaria-sp@cncp.org.br
- 15/05 - Encerramento do período de solicitação de redução da taxa de inscrição para o Vestibular Unesp Meio de Ano 2008. Informações: www.vunesp.com.br
- 16/05 - São Paulo. Vacinação contra gripe. Das 14h às 16h. Na sala da Unamos (Mezanina) da Reitoria. Informações: mazegod@reitoria.unesp.br, (11) 5627-0594/554.
- 19/05 - Abertura das inscrições para o Vestibular Unesp Meio de Ano 2008. Informações: www.vunesp.com.br
- 19 a 25/05 - Viagem Cidades Históricas de Minas Gerais. Barraco Memória Viva. Coordenação: Percival Tirapeli, docente do Instituto de Artes. Informações: (11) 6166-6510/7343-0505 e vera@ia.unesp.br
- 24/05 - São Paulo. Apresentação do Coral Unesp. Às 20h. Na Teatro Municipal. Praça Ramos de Azevedo, s/n. Informações: san_sampaio@uol.com.br
- 27 a 29/05 - Araraquara. II Jornada Científica de Administração Pública. Na FCL. Realização: PET Administração Pública. Informações: (16) 3301-6200, ramal 6411, jornadapet@gmail.com, www.jornada.fclar.unesp.br
- 27 a 30/05 - São Paulo. Preparação e Revisão: o trabalho com o texto. Módulo avançado, com Ibraimo Da Fonte Tavares. Das 18h às 21h. Na Universidade da Livra. Praça da Sé, 108 (Centro - São Paulo). Informações: (11) 3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 30/05 - Botucatu. Simpósio Ético na Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Das 8h às 16h30. Na Anfiteatro Casada Arta da FMVZ. Informações: uepclin@fmb.unesp.br ou www.etica.fmb.unesp.br
- 30/05 - Encerramento da entrega dos projetos para o Concurso de Design Cerâmico sobre o tema "Um xícara brasileira de cerâmica para café". Promoção: Associação Brasileira de Cerâmica. Informações: abceram@abceram.org.br ou www.abceram.org/asp/cancurso.asp
- 31/05 - Último dia para inscrições no Prêmio ANA (Agência Nacional de Águas). Informações: (61) 2109-5412 ou premio-ana@ana.gov.br

O OUVIDOR FALA



Compromissos éticos da Universidade

JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

Voltamos a invocar pela terceira vez o Código de Ética da UNESP, para sublinhar a importância da ética na Universidade e sua inserção nas preocupações sociais e democráticas do mundo contemporâneo. Enfocamos, entretanto, os passos à frente que a nossa Universidade tem dado, e os passos futuros, no caminho da dignidade universitária, portanto social, fazendo do seu cotidiano uma prática cidadã.

Lemos na edição de janeiro-fevereiro deste periódico, com muita satisfação, a reportagem sobre o I Encontro de Direitos Humanos da UNESP no câmpus de Bauru, integrando-se de maneira sólida na AUGM (Associação de Universidades - Grupo de Montevideu), formada por instituições da América do Sul. Certamente, a fundação do Observatório de Direitos Humanos, voltado para a Educação, centrado na interdisciplinaridade e na negação da discriminação social e racial, deve se expandir e dar sua colaboração ao Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Esperam-se muitos resultados práticos dessa ação para a cultura da cidadania e da ética na UNESP.

Outro seminário participante dessas preocupações, com temática voltada para a responsabilidade do cientista, teve lugar na USP, patrocinado pela Cátedra Unesco do IEA (Instituto de Estudos Avan-

çados). Parece-nos importante anotar o que disse então o professor Sérgio Adorno: "O conhecimento não é neutro. Ele é construído no interior de um universo ético e cultural que deve ser debatido de um ponto de vista crítico" (cf. *Agência Fapesp*, 12/12/2007). Alguns participantes citaram exemplos de apropriação inadequada de importantes pesquisas, como as de energia atômica. É dever e direito das universidades e institutos de pesquisas zelar pela sua produção científica. Defende-se hoje a interligação da universidade com todos os setores, principalmente o empresarial. Essa relação, entretanto, deve levar em conta o interesse da ciência

e os resultados sociais da pesquisa. A UNESP e sua comunidade, conforme seu Código de Ética, têm o dever de "sempre agir e se manifestar em favor da defesa e da promoção humana, aí incluídos os direitos individuais e liberdades públicas, os direitos sociais, econômicos e culturais e os direitos da humanidade".

Docentes-pesquisadores, corpo discente e servidores técnico-administrativos incluem-se nesse papel ético e socio-científico. Em momento de propostas de mudanças que tramitam pelos órgãos colegiados - e o princípio básico da Ouvidoria é respeitar o direito às diferentes opiniões -, percebem-se divergências, gerando discussões inerentes à vida universitária. Que os nobres objetivos da UNESP prevaleçam sobre os interesses individuais. Que prevaleçam, enfim, os compromissos maiores contidos em nosso Código de Ética.



Vermelho, branco e morrom, Mark Rothka

ERRAMOS

No reportagem "Testes ovuliam vacina gênica", publicado na página 3 da Jornal UNESP nº 232, de abril de 2008, não foi mencionado o nome do autor da foto da pesquisadora Ano Cláudia Pelizan. A imagem foi produzida por Vantuir Wirthmann



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

- Reitor: Marcos Mocarí
- Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Hermon Jacobus Cornelis Voorwold
- Pré-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan
- Pré-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
- Pré-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
- Pré-reitor de Pesquisa: José Arano Vorela
- Pré-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieiro Cunha Rudge
- Secretária-geral: Maria Dalva Silva Pogotto
- Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
- Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
- Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
- Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbinati
- Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriano Chiéri Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Mayso Furlan (IQ-Araraquara), Mário Sérgio Vosconcelos (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Maria



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt

Jornal unesp

- Assessor-chefe: Mourício Tuffoni
- Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
- Editor: André Louzas
- Redação: Dênio Moués, Genira Chogos e Julio Zanella
- Pragmática Visual: RS PRESS Editora
- Editor de arte: Sidney João de Oliveira
- Diagramação: Leonardo Fial
- Colaboraram nesta edição: Nelson Sabino Bittencourt Júnior, Regina Agrella (fotografia); Renato Coelho (texto); Danilo Koga e Daniel Patire (texto e fotografia)
- Produção: Mara Regina Marcoto
- Revisão: Maria Luizo Simões
- Versão on-line: Paulo Rocha
- Tiragem: 25.000 exemplares
- Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pelo Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
- Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
- Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
- Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.



LITERATURA

Reprodução



Obra de 1970 é dissecada para revelar como autora usa o grotesco para expor o ser humano

OSCAR D'AMBROSIO

Poeta, escritora e dramaturga, Hilda Hilst é muitas vezes lembrada por ter abordado temas socialmente controversos, como erotismo e homossexualidade. Mas não se pode deixar de lado que, acima de tudo, ela foi mestre da arte da palavra em língua portuguesa.

Leandra Alves dos Santos, na sua dissertação de mestrado, *Hilda Hilst: amor, angústia e morte* – passagens grotescas de uma arte desarmônica, apresentada na Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, busca valorizar a escrita da autora centrando a atenção em *Fluxo-Floema*, seu primeiro livro de ficção, publicado em 1970.

A pesquisa, sob orientação de Maria das Graças Gomes Villa da Silva, mostra como essa obra apresenta uma narrativa com estilo peculiar, em que a pontuação torna difícil identificar quem fala e com quem falam os personagens no texto. “A narrativa em prosa mistura enredo e ação, revelando-se como poesia, graças a sua flutuação entre filosofia e ficção e aos efeitos do grotesco, inscritos na escolha das palavras e na organização estratégica do texto”, comenta.

Existência aflitiva

A escolha de *Fluxo-Floema* entre os 41 livros escritos por Hilda ocorreu pelo interesse da pesquisadora de estudar a representação do grotesco na autora. “A escrita hilstiana é marcada pela diferença entre a ordem que se quer descrever por meio da palavra com a desordem interior que se possui”, Leandra.

A obra mistura poesia, prosa narrativa e diálogo dramático para tratar dos binômios vida-morte, profano-sagrado, real-fantasia e consciente-inconsciente. “Essas palavras não possuem valores opostos entre si, mas formam uma linha de pensamento contínua e complementar”, explica a mestre pela FCL.

Os personagens, segundo Leandra, transitam entre poesia, drama, fábula, texto bíblico e paródia. “O belo e o disforme são desafiados

para registrar uma certa insanidade no homem e seu desassossego diante da existência aflitiva e angustiante, cuja única certeza é a morte.”

Os cinco textos que compõem o livro, para Leandra, revelam o grito agônico do homem entregue ao desamparo, à solidão, ansiando pela comunicação com o outro, enfrentando o choque com o desprazer. “A escolha do vocabulário põe em destaque o escatológico, provocando o rebaixamento do homem para retratá-lo como animal desprezível, mesquinho e miserável.”

Mundo inseguro

A pesquisa elenca os principais temas do livro, trabalhados em boa parte de sua obra: a loucura, a agressividade e desespero, a sensação de se ver só, fragmentado e frágil diante do mundo, a busca pela compreensão da vida e a necessidade de comunicação com o outro e a certeza de o homem não ter sido criado “à imagem e semelhança de Deus”. “Isso implica dizer que Deus é um ser diferente desse em que acreditamos, o que nos joga para a solidão mais amarga e cruel que se possa suportar”, avalia Leandra.

No livro, os personagens demonstram uma inquietação metafísica. O discurso de Hilda, de acordo com a autora do trabalho, é marcado pela crise do humanismo e pelo sucesso da civilização técnica. “As novas condições de vida e a cidade moderna rompem os vínculos do homem com a família e a comunidade e, dessa forma, o mundo surge aos olhos dos protagonistas-narradores de forma estranha e grotesca”, considera Leandra.

Para a pesquisadora, a partir dessa atmosfera inquietante, o texto de Hilda Hilst revela o caótico, dando configuração à poética desarmônica de *Fluxo-Floema*, que reúne paradoxalmente os contrários. “Por meio de fina ironia, a autora crítica a falência dos grandes projetos da modernidade, demonstrando a dor existencial experimentada com a descoberta da ausência de segurança no mundo”, conclui.

Hilda

Hilst

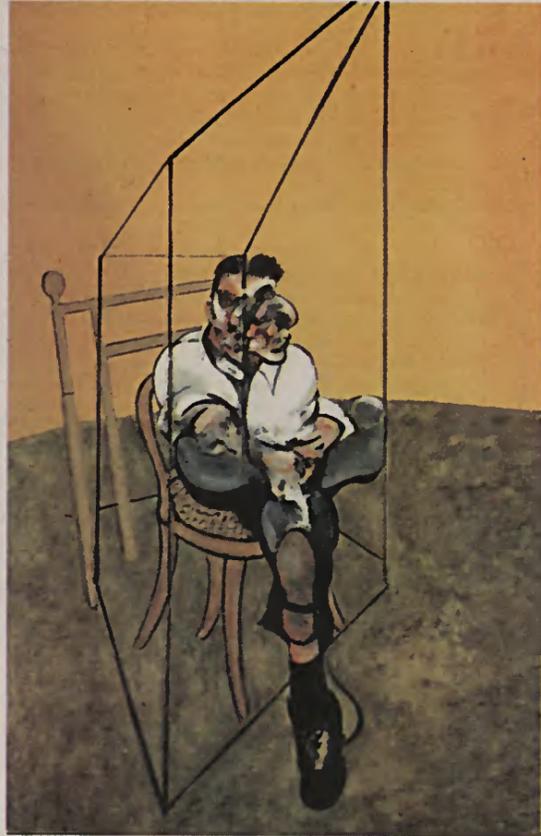
voz sem esperança

Reprodução



Hilda, despertando paixões

Detalhe de *Três estudos de Lucien Freud* (1969), Francis Bacon



“
Se te pareço
noturna e imperfeita
Olha-me de novo
Olha-me de novo
Com menos altivez

Hilda Hilst

Do escândalo à vida isolada

Hilda Hilst nasceu em Jaú, interior de São Paulo, dia 21 de abril de 1930. Foi para o colégio interno Santa Marcelina, na capital, em 1937. Em 1945 matriculou-se no curso clássico da Escola Mackenzie. Em 1948 iniciou seus estudos de Direito na Faculdade do Largo do São Francisco. Levava uma vida boêmia, que se prolongou até 1963. Bela e de comportamento avançado, escandalizou a alta sociedade paulista e despertou paixões em empresários e artistas.

Seus primeiros livros foram *Presságio* (1950) e *Balada de Alzira* (1951). Começou assim uma carreira que lhe rendeu os mais importantes prêmios literários do Brasil, como o PEN Clube de São Paulo (1962), o Anchieta (1969), o da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor livro (1977) e conjunto da obra (1981), o Jabuti (em 1984 e 1993) e o Moinho Santista, na categoria Poesia, em 2002.

Nos anos 1960, passou a morar na Fazenda São José, a 11 quilômetros de Campinas (SP). Abriu mão do intenso convívio social para se dedicar à literatura. Mudou-se para o Casado Sol, na fazenda, onde passou a viver com o escultor Dante Casarini, em 1966. Em 1990, deu adeus à literatura séria. Sua fase erótica, segundo ela mesma, era uma tentativa de vender mais, assim, conquistar o reconhecimento do público. Faleceu no dia 4 de fevereiro de 2004, em Campinas. O.D.

